SER DA LONGA: CULTURA E IDENTIDADE EM UMA COMUNIDADE DA ILHA GRANDE

MARIO WIEDEMANN

2011

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS
MARIO WIEDEMANN

SER DA LONGA: CULTURA E IDENTIDADE EM UMA COMUNIDADE DA ILHA GRANDE

Rio de Janeiro
2011

SER DA LONGA: CULTURA E IDENTIDADE EM UMA COMUNIDADE DA ILHA GRANDE

Trabalho final do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, como requisito final para a obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

Orientadora: Prof[a]. Dr[a]. Rosane Manhães Prado

Rio de Janeiro

2011

SER DA LONGA: CULTURA E IDENTIDADE EM UMA COMUNIDADE DA ILHA GRANDE

Trabalho final do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, como requisito final para a obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais

Aprovada em _____/_____/_____

BANCA EXAMINADORA

_____

Profa. Dra. Rosane Manhães Prado
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

_____

Profa. Dra. Sandra Carneiro
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

_____

Profa. Dra. Helena Catão
Universidade Federal Fluminense

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha orientadora Rosane Manhães Prado pelo conhecimento e pela paciência.

Agradeço a minha família que sempre esteve ao meu lado e em especial a minha mãe, Maria Eugênia Wiedemann, grande guerreira que fez vingar seis filhos neste mundo rodeado de descaminhos.

Agradeço a Débora Fernandes Herszenhut, minha companheira, que com paciência e amor me acompanhou em mais esta missão. Pela leitura, pela revisão, pelas idéias compartilhadas e pelas dádivas.

Agradeço a Patrícia Monte-Mor pela revelação do admirável mundo novo do cinema e das imagens.

Agradeço a esta banca, Sandra Carneiro e Helena Catão.

Em especial agradeço aos moradores da Praia da Longa

RESUMO

Os moradores e a gente oriunda da Praia da Longa, localizada na Ilha Grande, município de Angra dos Reis (RJ), ao mesmo tempo em que sempre estiveram conectados a processos de mudança da sociedade abrangente, guardam uma identidade própria que vivida e expressada como "ser da Longa". Este trabalho teve a imagem como ferramenta e produto de pesquisa, incluindo um filme como parte do seu conteúdo. Adotando uma perspectiva processual em relação às idéias de cultura e identidade na/da Longa, trata de valores e práticas em que se sustentam e se manifestam essa identidade e o sentimento de pertencimento a esse lugar, ilustrados: na referência ao (tempo do) sertão; na festa de São Pedro; e nas reuniões 'de projeto'.

PALAVRAS- CHAVE: Ilha Grande, sertão, cultura, identidade.

ABSTRACT

Praia da Longa (Longa Beach), seated at Ilha Grande (RJ), has always been conected to global changes and societies. Nowadays, inhabitants have their way of life connected to the environment and also to what they name "sertão". Therefore this work highlights a historical moment and analyzes how cultural events reflect and produce the local culture.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

1. A PRAIA DA LONGA E O SERTÃO NO CONTEXTO DA ILHA GRANDE

2. O SISTEMA CULTURAL DO SERTÃO

3. A FESTA DE SÃO PEDRO: UM MODO DE SER DA LONGA

4. REUNIÕES “DE PROJETOS” NA PRAIA DA LONGA

CONSIDERAÇÕES FINAIS

BIBLIOGRAFIA

ANEXO 1: FILME “VIVA SÃO PEDRO”

ANEXO 2: FOLDER DO PROJETO IRMAR

INTRODUÇÃO

Este trabalho é para mim a experimentação de minha capacidade de formular um problema de pesquisa, executar a pesquisa e analisar os dados usando como referencial certa teoria apreendida por mim também no curso de Mestrado do programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, no qual este trabalho é exigido para obtenção do grau de " mestre", mas penso que documentos como este podem contribuir para o entendimento de processos sociais atuais, tornando-se também registros históricos. Sob essa perspectiva é que surgiram as palavras e análises.

O trabalho, que focaliza a Praia da Longa, situada na Ilha Grande, município de Angra dos Reis, RJ, está dividido em 4 partes. No primeiro capítulo faço a apresentação da Praia da Longa, a partir da Ilha Grande, dentro de um contexto histórico do qual foram destacados acontecimentos que remontam a pouco mais de um século de história. No segundo capítulo, apresento o "sistema cultural do sertão", revelando, em especial sob os olhos do morador Fifi, o que considero a ancestralidade de um longo processo de identificação e referência. No capítulo três, a Festa de São Pedro na Praia da Longa, através do filme "Viva São Pedro", revela processos simbólicos e práticos de identificação dos habitantes da Longa. Por fim, no capítulo quatro, apresento um evento que representa um contexto específico de manifestação do que é ser da Longa.

O trabalho de campo para minha pesquisa de mestrado não tem um "início", pois é continuidade, talvez meio , de um questionamento que foi feito na minha pesquisa para a monografia da graduação, quando integrava também a pesquisa " Ecologia e Turismo na Ilha Grande"(atualmente "Turismo na Ilha Grande: Manifestações em imagens"), coordenada por Rosane Manhães Prado. Neste contexto, era um dos integrantes da equipe que, dentro ou fora dos trabalhos sistemáticos da pesquisa, sempre estivemos bem direcionados e à vontade para observar e dialogar sobre os fenômenos sociais. No entanto

posso dizer que a pesquisa se aperfeiçoou com a incorporação de uma ferramenta e do reconhecimento do peso simbólico e prático do ambiente físico na constituição do que chamamos de " cultura". A ferramenta incorporada foi a *câmera*, para registro audiovisual, como uma espécie de segundo olho que grava memórias e vivências e com isso amplifica , como sugere Marc Piault[1], os nossos questionamentos. Algumas percepções minhas na interpretação da vida social se apuraram com o registro audiovisual. A produção das imagens, a produção de um filme e a exibição para as pessoas do lugar, para os próprios participantes do filme, me mostraram de maneira clara, uma sintonia com esses participantes, e como o resultado da pesquisa (no caso um filme) é importante para todos. Para mim, porque contempla parte de minha pesquisa, como um observador; e para as pessoas que fazem parte deste mesmo filme, que são seduzidas pelo fascínio da imagem que retrata sua vida. Herszenhut coloca que nessa situação é compartilhado um sentimento, um valor, um momento. Para a autora "a imagem é capaz de comunicar em uma linguagem não descritiva ou de narrativa 'lógica', mas despertando sentimentos e fazendo conexões em outro plano que não o discursivo". (HERSZENHUT 2010: 18) A sistematização e a avaliação dos dados da pesquisa através das imagens foram fundamentais para a compreensão desse "outro" que são os moradores da Longa. Considero, assim, que o fazer antropológico articulado ao processo de produção da imagem e construção do filme foi enriquecido, tendo esse processo sido também um meio para meu refinamento na prática do trabalho de campo e as imagens inseridas neste trabalho dialogam com o texto na medida em que a análise ocorre.

Em meio às investigações, observações, entrevistas e filmagens, ficava claro que a *Praia da Longa*, este lugar, significa uma série de coisas na vida de seus moradores em suas diferentes gerações. É também fato presente na vida dos moradores locais a manutenção de determinados costumes e práticas de tempos passados. Todas essas observações se ampliaram também quando li o "Ensaio sobre as variações sazonais das sociedades esquimós", de Marcel

1 - Minha experiência no Atelier de Antropologia e Imagem em 2008, me proporcionou muitos aprendizados , entre os quais , conversar com o antropólogo e cineasta francês Marc-Henri Piault numa situação em que discorria sobre o filme que meu grupo estava produzindo.

Mauss (2003), que me serve de inspiração neste estudo, ao focalizar a relevância do meio físico na vida social dos esquimós. Mauss percebe que em determinadas épocas do ano, os esquimós, migravam de ambiente em busca de recursos, provocando mudanças no que ele chama de " morfologia social" mas mantendo determinadas características culturais. Mauss estava nos revelando que modificavam a alimentação, o modo de ocupação, o tipo de construção, a estrutura de organização social, o tipo de atividade laborial, mas mantinham características como a língua, as relações de parentesco e seus costumes. Os *ilhéus* podem ser observados numa escala ampla pois guardam certa homogeneidade, podendo apresentar características similares em diversos locais da Ilha Grande e da região, mas essas comunidades, esses grupos, conservam também as suas peculiaridades pois as histórias , trajetórias e escolhas são únicas num contexto de velozes mudanças provocadas pela ampliação das atividades turísticas no litoral brasileiro como um todo, onde se inclui essa ilha, situada na rota, inclusive internacional, do turismo. A mudança social , não é, no entanto, o objeto de minha atenção . Minha atenção se volta para entender como, neste contexto de mudanças sociais, é alimentada uma identidade referente à Praia da Longa e como a paisagem deste lugar faz parte dessas mudanças e dessa mesma identidade.

Nesse sentido, outro trabalho com o qual tive contato foi fundamental para que minhas percepções ficassem mais claras a respeito de como se constitui esse contexto. Para entender a paisagem como testemunha e parte dessa identidade, Balée (2008) apresenta uma perspectiva bem particular da leitura possível que se pode fazer do ambiente físico pois acredita que " Paisagens são encontros de pessoas e lugares cujas histórias estão impressas na matéria, inclusive matérias vivas" (BALÉE 2008: 13). As " tradições de pequena escala" seriam influentes em sua relação com o ambiente no qual imprimem sua cultura. Através desta lente o meu olhar se volta para esse rico caso de estudo, que apresenta um conjunto de relações humanas imbricadas num ambiente com características muito peculiares.

Recorro também a Prado (2008) e Sahlins (1997) ao tratarem de processos de tradução local de valores e práticas globais na perspectiva que este chama de *indigenização* , inversa à da globalização: quando "grupos humanos nas

instâncias mais locais se apropriam de elementos vindos de fora e regidos por lógicas e sistemas vistos como impositivos, relacionados ao sistema mundial e à globalização, e os transformam em prol dos seus próprios referenciais culturais locais".(PRADO 2008 : 11) Reporto-me ainda a Prado (2004) a propósito do que a autora trata como o encontro, ou confronto, entre o " nativo" e o " não nativo" na Ilha Grande. "Ao mesmo tempo em que os de fora propõem e dizem seguir certos modelos para suas atividades e empreendimentos – que qualificam, por exemplo, como "profissionais" ou "ecológicos" –, acusam os nativos, de não terem esse profissionalismo ou de não terem essa consciência ecológica" (PRADO 2004 : 12). A autora ilustra em seu trabalho sobre a Ilha a perspectiva cara aos antropólogos que também desejo conservar e cultivar, no sentido de reconhecer a visão daquele para o qual você olha.

A busca do pesquisador freqüentemente está relacionada a escolhas de sua vida, à forma como ele se coloca, o que ele fala, como fala ou o que ele se propõe ser. Tornar inteligível a "vida" de um "nativo" da Praia da Longa ou mesmo a minha relação com eles, exigiu, como sugere Castro (2002) que eu tomasse "as idéias nativas como situadas no mesmo plano que as idéias antropológicas." (CASTRO 2002: 125). Para o autor existe uma equivalência entre o discurso do antropólogo e o do nativo bem como nas condições que constituem seus discursos. Neste sentido, "o nativo pensa como o antropólogo, mas muito provavelmente ele não pensa *como* antropólogo". (CASTRO 2002: 119, grifo do autor) Segundo Castro, o "antropólogo é alguém que discorre sobre o discurso de um nativo" (p.113), mas não existem condições específicas ou rótulos que definem este antropólogo ou este nativo; no entanto é importante que haja conexão, relação, entres esses discursos, uma "relação de sentido" (p.125).

As categorias nativas, no caso, as categorias construídas pelos moradores da Longa, são norteadoras do meu trabalho como antropólogo, bem como as relações que estabeleci com eles. A Longa condensa em sua história, e pode-se dizer que este lugar tem uma história própria, experiências que não se pode captar em primeira mão. Era preciso que eu desvendasse e respeitasse a lógica que regula o modo de vida local para poder estabelecer relações e atender aos

meus interesses de pesquisa. Darei destaque a essa lógica, que deriva de experiências ancestrais comuns entre os moradores e entre eles e o ambiente físico. A lógica local pode manifestar-se em diálogo ou em confronto com outras lógicas externas que incidem sobre o modo de vida atual dos moradores da Praia da Longa.

1. A PRAIA DA LONGA E O SERTÃO NO CONTEXTO DA ILHA GRANDE

Praia da Longa. Fonte : Debora Herszenhut, 2010

“ Coloquei terra no feijão pra ele pegar talento”

(Seu Valdemar)

A Ilha Grande[2] desde muito tempo é ocupada e visitada, e mais recentemente se tornou foco de grandes disputas, de um lado, em vista do turismo, que cresce principalmente nas últimas duas décadas e que tem reproduzido os efeitos já descritos nas comunidades litorâneas de outros locais do Brasil (LUCHIARI 1999; ADAMS 2000), inclusive no Estado de São Paulo, onde se encontram outras comunidades com características culturais e ambientais que as aproximam daquelas da Ilha Grande. De outro lado, em vista da regulamentação ambiental devido à existência de áreas protegidas que constituem a Ilha Grande.

A Praia da Longa, com cerca de 200 metros de extensão, cercada de morros preenchidos por densa floresta de Mata Atlântica, abriga uma população com cerca de 170 pessoas moradoras. No censo realizado pela equipe da pesquisa em 2007, verificou-se que num total de 85 domicílios da praia, 51 eram ocupados por esses moradores; e os demais, 34, ocupados esporadicamente por veranistas[3].

Na Longa, a pesca, a maricultura e outras atividades de trabalho ligadas ao turismo constituem a fonte de renda dos moradores. É neste cenário que se encontram famílias com trajetórias distintas, que têm na Longa um conjunto de referências e relações. A pesca é praticada de forma profissional e também de forma lúdica, numa escala doméstica, sem grandes equipamentos; praticada utilizando-se somente a canoa, o remo, anzóis ou "rede de espera". Todas as manhãs, na Praia da Longa, é possível observar o movimento daqueles que pescam e daqueles que indiretamente estão conectados à pesca.

[2] A Ilha Grande é uma ilha continental e está localizada na baía que leva o seu nome: a Baía da Ilha Grande. Está localizada no litoral sul do Estado do Rio de Janeiro e integra o conjunto da formação montanhosa conhecida como Serra do Mar, que, neste ponto do litoral, avança sobre o mar. Apresenta, atualmente em sua área, densa cobertura florestal de Mata Atlântica, além de outros ecossistemas associados a ela, como lagoas, mangues e costões rochosos e a própria baía. Com relevo muito recortado, a Ilha Grande, tem seu ponto culminante no Pico da Pedra D´Água, com cerca de 1035 metros de altitude. Destaca-se hoje, principalmente, por ser um dos roteiros turísticos mais visitados do estado e também palco de "conflitos" sócio-ambientais. A Ilha Grande abriga cerca de 7000 (Censo IBGE de 2000) pessoas distribuídas em várias comunidades e praias que se diferem na paisagem e também pelas diferentes características dessas "comunidades". No todo, corresponde a um distrito do município de Angra dos Reis, a cuja sede no continente a população da Ilha Grande é fortemente referida.

[3] -A partir de categorias locais, foram estabelecidos parâmetros para construir a análise dos dados. Categorias de domicílios como "abandonado", "venanistas"ou "moradores permanentes"

Quando os pescadores adentram o saco da Longa, com suas canoas, muitas pessoas estão na praia, de prontidão, para ajudar o pescador a tirar a peixe da rede e subir a canoa, e ao final ganhar um bom peixe. Bom, que não seja uma *paragica,* peixe pouco cobiçado pelo povo local por razões palatáveis. A "pesca embarcada" em barcos "de fora", principalmente barcos de Angra dos Reis, em regime assalariado, é praticada por poucos moradores. A "pesca de arrasto" de camarão, no local, acontece em pequenas embarcações dos moradores da praia, conhecidas como "traineiras". A pesca comercial vem progressivamente perdendo importância na mesma proporção que atividades relacionadas ao turismo passam a ser as principais para os moradores locais. Seguindo um padrão de toda a ilha, muitos barcos que anteriormente serviam para a pesca, atualmente são mais usados para fazer frete ou transporte de passageiros entre o continente (normalmente Angra dos reis) e a Ilha Grande.

Praia da Longa, Ilha Grande. Fonte: Pesquisa, 2008

Na Longa, como em outros locais da Ilha Grande, os moradores não se chamam caiçara [4] para se auto-definirem, expressando-se mais como: "da Ilha", "nativo", "da Longa" ou ilhéu. Assim, os "caiçaras", na Ilha Grande, devem ser entendidos segundo seus contextos específicos e a partir da perspectiva de qual grupo se está estudando[5], mas no geral, esse conceito está referido a um certo modo de vida " tradicional" em que se articulam atividades ligadas à pesca e à agricultura[6]. Para Luchiari, referindo-se aos caiçaras do Litoral Norte de São Paulo, "os pilares dessa cultura tradicional estavam representados na canoa de voga, nas lavouras, na caça e na pesca artesanal, bases da economia de subsistência, da pequena atividade mercantil e da relativa autonomia". (LUCHIARI 1999: 137)

A autora analisa, do ponto de vista da transformação da cultura tradicional, o processo de mudança promovido pelos efeitos da urbanização e modernização brasileiras. Essa "relativa autonomia" destacada pela autora, parece estar referida à idéia de que, com o forte movimento de urbanização que vinha ocorrendo no Brasil desde o final do século XIX, as populações que habitavam o interior *caipira* e o litoral *caiçara* , passaram a constituir uma cultura específica, relativamente isolada dos processos de industrialização e urbanização e mais ligadas portanto ao seu ambiente, ou seja, às atividades que derivavam dele, como a pesca, a roça, a construção de suas ferramentas e equipamentos para a sobrevivência. A autora trabalha com a idéia de que essas culturas foram se perdendo à medida que esses fatores externos afetavam e modificavam, segundo ela, "uma racionalidade inerente ao modo de vida caiçara". (LUCHIARI 1999: 137) Sua contribuição tem grande relevância pois registra em termos históricos as mudanças e os seus efeitos para essa população. Luchiari registra um processo de "reconstrução simbólica da paisagem" a partir da intensificação do turismo e da

[4] A propósito do termo "caiçaras", Prado destaca que: "Se a categoria "caiçara" é usada às vezes de forma naturalizada por parte dos estudiosos, é importante lembrar que, como outras tantas classificações – "índios" e "populações tradicionais", por exemplo –, esta também é atribuída de fora; e os grupos assim classificados não necessariamente assim se auto-classificam."(PRADO 2009: 5).

[5] - A partir de um período recente, conforme indicam Catão (2004) e Costa (2004, 2008) em relação à Praia do Aventureiro, a categoria começou a ser utilizada no local, especialmente diante das disputas em torno de questões fundiárias e dos rigores da legislação ambiental. Os moradores " descobrem" que são caiçaras a partir de uma visão externa sobre eles,e passam a afirmar-se como tal em diversos contextos, vendo-se igualmente como " população tradicional".

[6] - É Adams (2000-a e b) quem faz uma revisão da literatura produzida no Brasil sobre as " populações caiçaras " e a correspondente variedade de caracterizações a elas atribuídas.

desapropriação/perda das terras pelos caiçaras habitantes do litoral de São Paulo. Ela observou neste contexto que os caiçaras, que viviam na praia, onde desenvolviam atividades ligadas à pesca e mantinham roças nos morros (sertão), estavam então passando a viver no sertão, pois a praia vinha sendo ocupada pelos turistas e imigrantes que estavam empreendendo atividades voltadas para o turismo, tornando economicamente inviável a vida dos nativos na praia. Neste contexto o sertão se transforma de antigo local de trabalho nas roças em um local de moradia.

Cristina Adams, remetendo à caracterização das comunidades caiçaras do litoral paulista, aponta para os limites geográficos da Serra do Mar como forte elemento para criação da particularidade cultural destes grupos litorâneos. A Serra do Mar é um limite geográfico importante, criando recantos e cortes na costa que possibilitam a formação de inúmeras comunidades, fortalecendo características de auto-suficiência destes grupos, que eram complementadas pelo comércio de determinados produtos, além das atividades extrativistas e agrícolas. Um dos elementos das caracterizações referidas pela autora é o de forte relação com a "natureza" e com os ciclos derivados dela:

> "O sertão era o espaço de trabalho, onde se encontravam as roças, os bananais e a floresta de onde se retirava lenha, ervas medicinais e onde se caçava. Em muitas comunidades podiam ser vistos ranchos construídos na praia, que serviam de habitação temporária durante a época da pesca de algumas espécies, como a tainha." (WILLEMS 1946; FRANÇA 1954 apud ADAMS 2000: 107)

Nos trabalhos de Luchiari e naqueles considerados por Adams, aos quais me refiro, parece relacionar-se um modo de vida específico, ligado à "natureza" com o que seria um modo de vida que sofre perdas e alterações. Colocam que o sertão - semelhante ao caso da Longa - é referido como os antigos locais onde se exerciam as atividades agrícolas.

No caso descrito por Luchiari, como já foi dito, os caiçaras, com a chegada do turismo e a forte especulação imobiliária foram deslocados para estas áreas de sertão (morros) para fins de moradia enquanto passaram a desenvolver atividades de trabalho ligadas ao turismo.

O caso da Ilha Grande e, mais especificamente o caso da Praia da Longa, embora guardando muita semelhança com estes processos que ocorreram no litoral paulista, será por mim analisado de uma outra perspectiva, inspirada nas idéias de Sahlins (1997). Neste caso, apesar da recente ocupação turística ter trazido consigo grandes mudanças no modo de vida local, aqui eles serão vistos, sob a perspectiva de quem os vivencia, destacando-se elementos que nos indicam que, e como, o nativo se apropria desses processos e os utiliza segundo seus próprios referenciais sócio-culturais e ambientais.

Nesse sentido os estudos de Prado abordam de maneira rica contextos diferentes na Ilha Grande, ou seja, diferentes comunidades e suas atividades, e segundo ela, "na 'história da Ilha Grande' repercutiram todos os ciclos econômicos reconhecidos na 'história do Brasil' " (PRADO 2003 : p.207). A Vila Dois Rios, por exemplo, que hoje abriga o CEADS-UERJ (Centro de Estudos Ambientais e Desenvolvimento Sustentável – Universidade do Estado do Rio de Janeiro) abriga também moradores que trabalharam e viveram, como em parte ainda vivem, referidos ao antigo presídio que ali existiu. Construído ainda no século XIX, o presídio de Dois Rios, que existiu por cerca de 100 anos, tem uma história própria e também histórias que se refletiram por toda a Ilha Grande. Sua demolição em 1994 propicia a intensificação do turismo e o surgimento de uma visão sobre a Ilha Grande como "paraíso ecológico" a ser desfrutado.

Antigos pavilhoes do presidio. Fonte: Mario Wiedemann, 2008

O funcionamento de uma instituição carcerária, a constante fuga e caça de presos pelas matas da ilha, criou uma espécie de cultura policial. (PRADO 2003; GOMES 2006). Antigas histórias de moradores da Longa revelam que existia um clima de tensão no trabalho da roça, ao ficar a mulher sozinha em casa, os filhos soltos pela praia; e mesmo também um receio dos moradores das comunidades em relação a pessoas desconhecidas caminhando pela praia. São histórias de relação e encontro entre moradores da ilha e presos fugidos em busca de liberdade; histórias de violência, de amor, e de compreensão, que ocorreram nos mais diversos cantos e praias da Ilha como mostrado por Buys (2009) em seus *Contos da Ilha Grande*.

Considera-se na própria Ilha que a existência do presídio até a década de 90 foi um fator que "segurou" o turismo e que a partir de sua desativação houve um grande aumento da circulação de turistas, bem como citados processos que derivam do mesmo, como especulação imobiliária, transformação de casas em pousadas, montagem de toda uma infraestrutura para receber turistas.

Um pouco antes, na década de 30, houve uma intensificação das atividades relacionadas `a pesca. Algumas praias da Ilha Grande, como a Praia da Longa, se tornaram, a partir da instalação de "fábricas de sardinha", centros de beneficiamento desse pescado retirado da Baía da Ilha Grande. Com isso foram geradas centenas de empregos ligados à pesca e às fábricas. Além dos homens adultos como de costume, adolescentes, crianças, mulheres, todos, nessa época, podiam gerar renda para as famílias. Neste período o estoque pesqueiro abundante da Baía da Ilha Grande atraiu também pessoas de fora da Ilha, hoje referidas em relatos dos moradores antigos. (PRADO 2003 ;ZANATTA 2006). A adoção do motor nas pequenas embarcações, antes "tocadas" a remo e a vela, como a canoa, assim como o advento de grandes embarcações de outras regiões, possibilitaram, de um lado, que a pesca se tornasse uma atividade comercial, alimentando as fábricas de sardinha e mercados relacionados a ela no continente[7], e de outro lado, também o emprego de muita mão de obra na "pesca embarcada" (a pesca realizada, como parte da tripulação nos barcos pesqueiros de grande porte).

As atividades de roça " lá no sertão", com o objetivo primordial para a obtenção de renda, deu lugar e tempo para o trabalho nas fábricas de sardinha e a plantação ou produção de farinha, de mandioca, por exemplo, paulatinamente foram substituídas por pequenas plantações nos quintais ou áreas próximas as casas com quantidade e variedade de vegetais, sendo os alimentos básicos adquiridos no continente. Continuamente as famílias passaram a mudar suas residências para a praia em função deste e de outros processos.

No início da década de 70, promovidas pelos órgãos ambientais (acompanhando um processo nacional de interesse na conservação de ecossistemas e resguardo da Mata Atlântica), absorvidas diferentemente em cada praia e aplicadas de maneira e em tempos diferentes, as restrições ambientais, resultantes da criação e aplicação de leis específicas, contribuíram significativamente para a restrição do uso das áreas de morro ou encostas,

[7] - Mais especificamente em Angra dos Reis, cidade onde funciona a sede administrativa da ilha e principalmente onde estão certos aparatos (como comércio, bancos e hospitais) hoje considerados indispensáveis à vida local.

para a agricultura, ou uso extensivo pelos moradores da Ilha Grande. Essa década marca o início da repercussão dos processos legais de "conservação da natureza" no local [8]. Tem início em 1971, com a criação do Parque Estadual da Ilha Grande, com a criação da Reserva Biológica Praia do Sul[9] em 1981; e finalmente, com a criação da Área de Proteção Ambiental de Tamoios, em 1986, que incorpora também outras áreas e reservas além da Ilha Grande.

Unidades de Conservação da Ilha Grande. Fonte: www. Ilha grande.org

Esse mesmo período, coincide com a construção da Rodovia Federal BR 101, uma via de acesso mais fácil à região, resultando no aumento de visitantes, bem como na especulação imobiliária, destacado em diversos estudos[10] como fator importante no processo de expropriação das populações litorâneas da região. Em 1975, o processo de especulação e expropriação fundiária ganha forças na Ilha Grande e é quando a Praia da Longa passa a ser cotada para a

[8] É importante destacar que trata-se de dois planos de ação legal sobre o espaço: No campo politico (via leis) e no campo prático, material, impedindo que fossem realizadas queimadas, que fossem feitas retiradas de árvore, que fosse praticada a pesca, enfim, um conjunto de ações de constrangimento e punições daqueles que praticavam o "crime ambiental" (o uso dos recursos que sempre estiveram ali).

[9] Na Praia do Sul e na Praia do Leste, onde está a maior planície costeira da Ilha Grande que abriga duas lagoas, com mangues e densa mata em suas encostas, não é permitida a presença de visitantes por serem Unidade de Conservação (Reserva Biológica) cujo acesso é restrito; mas, com freqüência, são locais visitados. O acesso é normalmente feito através da Praia do Aventureiro.

[10] Ver Luchiari 1999 e Prado 2003.

construção de um *resort*, nos moldes que emergiam nesta época. Esse empreendimento, embora não tenha sido concretizado, produziu um movimento de deslocamento de famílias da Longa para morros e áreas periféricas de Angra. Esse processo que obrigou muitos moradores a abandonarem suas casas e procurar outro local para viver[11] atingiu as famílias locais de diversas maneiras criando uma tensão, existente até hoje quanto à questão da "propriedade" ou "posse" dos terrenos e das casas.

A propósito do movimento turístico que foi o principal fator recente de atração de novos habitantes da Ilha Grande, Zanatta (2006) coloca que:

> O turismo acabou sendo uma alternativa econômica devido a vários fatores tais como: a redução da pesca a partir da década de 70; a implementação de unidades de conservação em toda a Ilha Grande, que proibiu a caça, o corte de árvores e o roçado, entre outras atividades, também a partir da década de 70; e a desativação e implosão do Instituto Penal Cândido Mendes, já em meados da década de 90, que foi como um "sinal verde" para o turismo. (ZANATTA 2006: 4)

A Praia do Abraão é considerada porta de entrada dos visitantes e abriga a maior população de moradores[12], é o local com maior infra-estrutura e onde o turismo é a principal atividade econômica.(Prado 2009: 4) De lá é possível seguir de trilha ou barco para qualquer ponto da Ilha, além de se oferecer a possibilidade de passeios ecológicos, culturais e históricos. A Vila do Abraão, com a explosão do turismo na Ilha, tornou-se um lugar cosmopolita e de intensa freqüência, tendo crescido em todos os planos; passando, por exemplo de 10 pousadas na década de 90 para mais de cem atualmente. A propósito disso, diz Prado:

[11] - Outros detalhes minuciosos do processo de constituição do empreendimento Boating Club do Brasil/ Fazenda da Longa, podem ser vistos no texto de Prado, 2009.

[12] - Essa informação pôde ser extraída dos dados apresentados pelo CENSO do IBGE de 1990, mas seus dados sobre a Ilha Grande aparecem de maneira difusa. Os dados da Praia do Abraão incluem outras duas praias próximas a ela.

> Uma observação que qualquer um pode fazer em relação ao Abraão é a que ela parece ao mesmo tempo uma agência imobiliária - com um anúncio a cada passo, de aluguel "por temporada" de casas, quartos, "quitinetes"; ou placas com os preços das diárias dos campings e das pousadas - e um canteiro de obras - com construções, na maioria de dois andares, igualmente encontradas a cada passo ao longo de todos os percursos da vila. (PRADO 2006: 212)

O movimento de turistas, que acontece com plenitude em outros locais da Ilha Grande ocorre de um modo peculiar na Praia da Longa, onde ganha novas nuances. Lá, não existe um empreendimento turístico, como uma pousada ou uma estrutura de hospedagem e alimentação como pode ser observado em outras praias da Ilha:

> Da perspectiva dos moradores, a concepção e as possibilidades de ocorrência de turismo ali variam, de modo que turistas podem ser: os caminhantes que passam percorrendo trilha para as praias vizinhas; os que estacionam ali seus barcos em passeio para usufruir da praia ou usar os serviços dos pequenos bares à beira mar; ou ainda aqueles que alugam casas e aqueles que "vêm e querem comprar casa ou terreno pra construir (como se vê, equacionados nesse caso com o que seriam os "veranistas"). (PRADO 2009 : 11).

O turismo nesse último formato ocorre nos cerca de 35 domicílios[13] onde não mora regularmente ninguém mas que com freqüência, em temporadas específicas, são ocupados; e, como já foi dito, o turismo implica o trabalho de muitos moradores, apresentando-se como uma alternativa para a permanência na Longa. (Prado 2009; Zanatta 2006) .

É neste mesmo lugar que pude observar práticas referidas ao que é reconhecido como o " tempo do sertão", como a barreada ou a caça na mata, que não mais é praticada com o objetivo de complementar a alimentação mas foi aprendida e se mantém com outros sentidos; como as plantações nos quintais que se mantêm na sua utilidade e como mas foi aprendida

13 - Ver dados em Prado 2009

Em meu trabalho de monografia da graduação, intitulado O uso dos recursos e as representações do "sertão" na Praia da Longa (WIEDEMANN 2008), fiz uma análise de como é representado, por moradores da Praia da Longa, o "tempo do sertão".. Observando as práticas e o modo de vida dos moradores, entendi que traziam forte referência ao uso dos recursos do ambiente físico, práticas estas reproduzidas e "ressignificadas" nos momentos atuais e dentro de moldes atuais, na relação ampliada com elementos externos á Ilha, indicando como aquele modo de vida do sertão se projeta e se faz presente na vida da Longa.

A perspectiva que adoto neste trabalho é a de um contínuo de acontecimentos que constitui não só a história e trajetória de certos moradores da Praia da Longa, mas também a história deste lugar, a história "natural" da Praia da Longa, considerando, como Ingold, que essa história se forma através de um processo em que indivíduos e meio natural se fazem crescer. Este autor propõe que "concebamos a história como um processo no qual os seres humanos não são tanto transformadores do mundo, mas principalmente , atores desempenhando um papel de transformação do mundo por ele mesmo." (INGOLD 1999 : 20) . A cultura está referida ao tempo e a lugares mas não se encerra em um só caminho; pelo contrário, o conhecimento, o que chamamos de saber local, é aprendido e modificado num processo de crescimento (INGOLD 1999). Segundo perspectiva adotada por Ingold e Kurtilla para o entendimento do que consideram como "conhecimento tradicional local" também considero que:

> "Trata-se de conhecimento que não é do tipo formal e autorizado, transmissível em contextos fora de sua aplicação prática. Ao contrário, é baseado em sentimento, consistindo de habilidades, sensibilidades e orientações desenvolvidas através de longa experiência de condução da própria vida num ambiente particular."(INGOLD e KURTILLA 2000: 25, apud CATÃO e PRADO 2009, trad. das autoras).

O sertão que é parte deste universo, é colocado então como um primeiro foco de minhas observações e análises de uma história que é recente e ao mesmo tempo ancestral. A vida social dos moradores da Longa pode ser vista em articulação com o exercício e a manifestação de uma identidade que é referida a algumas práticas e correspondentes elementos simbólicos, e que assim é por estes construída e alimentada. Entre tais práticas e simbolismos, destaco nesta dissertação a referência ao (tempo do) sertão, já abordado neste capítulo e que será aprofundado a seguir.

2- O SISTEMA CULTURAL DO SERTÃO

Fifi na sua casa. Fonte: Débora Herszenhut, 2009

“ Naquele tempo não tinha passeio”

(Fifi)

Na Primeira metade do século XX, muitas famílias viviam no sertão da Praia da Longa, onde, espaçadamente distribuídas, compartilhavam um modo de vida que articulava as atividades na roça, a pesca e a caça. A área que atualmente é ocupada por uma densa floresta, nessa época, era basicamente ocupada pelas roças, cada morador cuidando de sua área junto com sua família. Assim me conta Nelson Marques Ferreira, conhecido na Praia da Longa como Fifi, com 73 anos, nascido de parteira

> (...)lá em cima, naquele sertão, muito longe daqui, a duas horas de viagem (...) morava com meu avô. Fui mais criado com meu avô e acontece que a vida era na roça. Era café de cana, café com batata, essas coisas, fogão de lenha. De manhã cedo, ele já tava chamando (seu avô) para moer cana (...) Fazia angu do pilão. Socava o fubá no pilão, Não tinha esse negócio de máquina não. Era no pilão (fazendo o movimento com a mão), depois a vó abanava direitinho e saía um fubá que era uma beleza (...) fazia dez ou doze pratos e ia para a roça trabalhar

Fifi se refere tanto a um local –o sertão lá em cima – quanto a um modo de vida equacionado com esse local. No tempo ao qual ele se refere havia esse sertão lá no alto e longe e a praia lá embaixo, onde hoje ele vive. Hoje não existe mais o sertão como um local fisicamente falando, mas sim como valor, no plano simbólico, sustentado por tudo o que representa e se projeta no que significa " ser da Longa". Viviam em uma casa feita no "sopapo" de "estuque" amarrado com cipó " timbupeba" e "embarreado" com telhado de sapê, onde não havia luz elétrica, iluminando-se a escuridão da noite com a " periquita" movida a querosene. Não havia água encanada, sendo esta armazenada em grandes vasos de barro adquiridos no continente que permitiam que se "tomasse uma água fresquinha". As ferramentas e equipamentos como facão, formão, enxada, que serviam ao trabalho na roça, eram adquiridos no continente . O trabalho na roça consistia no cultivo de alimentos necessários para o consumo bem como para a venda e a troca por outros artigos.

> Plantava mandioca para fazer farinha, feijão e arroz. Plantava tudo, a bem dizer, a gente só comprava sabão e essas coisas assim (de limpeza), o resto de comida, não comprava nada não. Criava porco, galinha (...) Era uma fartura, porque a gente não pensava né, igual pensa. No tempo antigo, era assim, era difícil as coisas. Pra você vender uma farinha, alguma coisa que colhia da roça, era difícil. Tinha que ir lá na Praia Grande, lá do outro lado lá pra vender, e mesmo assim por micharia. Quando o homem , o cara lá que comprava... ah!, hoje está muito cheio e tal...a gente era obrigado a voltar outra vez com o material e assim era ruim né. Agora, se você quer vender um quilo de farinha, o cara vai lá em cima pegar. Dinheiro naquele tempo era pouco. Nós se safava de banana, vendia banana. Carregava banana que nem burro

Sua família vivia num sistema praticamente auto-suficiente e ele atribuiu um valor especial ao trabalho realizado com a matéria bruta assim como considera que o fubá feito manualmente tem sabor mais agradável que o comprado atualmente. Hoje em dia, um quilo de farinha feita "na roça" atrai um público interessado nisso que ele também valoriza, assim como também as "casas de farinha", não mais vistas na Praia da Longa ou na Ilha Grande em geral[14]. A abundância de alimentos nessa época contrasta com a escassa circulação de dinheiro que, mesmo sendo pouco necessário, era preciso para suprir certos artigos que deveriam ser comprados na venda que existia na praia ou mesmo no continente.

[14] A "casa de farinha" é o local onde originalmente se produzia a farinha de mandioca. Localizadas, próximas ou não das *casas de morar* é neste lugar que através de engenhosos mecanismos, a mandioca, ou aipim, é transformado. Depois de colhida a raiz, a mesma é descascada, moída, " coada" e ai aproveitadas ambas as materias. O " bagaço", assim dizendo, torrado e transformado em farinha e a goma(água de farinha resultado da coagem) separada para fazer o beiju e outros artigos. A farinha era torrada em fornos a lenha utilizando 'tachos', normalmente feitos de bronze. Costuma-ve utlizar o "tipiti" , uma espécie de canudo trançado de palha preparado para ser torcido. O registro histórico que se tem da mandioca é tão grande quanto o uso que se faz desta entre as populações nativas das terras brasileiras. Devo dizer também que atualmente, no litoral do estado do Rio de Janeiro, conheço pessoalmente a prática de fazer farinha somente em algumas comunidades da Ponta da Juatinga, reduto conhecido de populações "caiçaras".

O mar faz parte da vida de quem mora na Praia da Longa. A pesca fazia e faz parte das atividades e o peixe fazia e faz parte da alimentação. Pescado na "parte de fora" (na Lagoa da Praia do Sul, no lado oceânico), como Fifi conta:

> "Saía cedo, de madrugada. Ele (o avô) chamava a gente. Saia eu e mais outros grupo. Se mandava, levava caniço e ia pescar lá, matar carapeba e robalo. Quando chegava meio-dia, vinha embora, com o balaio cheio de peixe. *Escalava né.* Vender não vendia. Matava, limpava tudo e botava no sol para secar. Nós secava muito peixe."[15]

Fifi me conta, com certo humor, ter sido abandonado por sua mãe "no mato" e recolhido por sua avó antes de ter quase caído num laço de preá. Ele não estava só me dizendo que sua mãe estava deixando seus irmãos e ele soltos, largados pelo mato, como preás, sujeitos a cair em armadilha de caça. Ele foi criado por seu avô, que o acolheu até a vida adulta, até sua morte. Vivia mais no mato mesmo, me conta ele, e "não vinha aqui embaixo quase, não. Se vinha, vinha assustado, que nem galinha que nunca comeu milho e que quando joga o milho fica se espantando".

Já havia casas, a igreja e uma venda. Sua família descia no dia de domingo, para ir à igreja, quando o tempo estava bom, com lua clara e caminho "carpido" (capinado). A praia, segundo ele, não era um local de lazer, como é hoje para a nova pequena geração de crianças que cresce na Longa, na beira do mar era diferente de hoje, onde as crianças têm liberdade de circular .Fifi me conta que o respeito aos mais velhos era também "muito superior" a maneira como é hoje. Ele conta que quando

15 -Devo dizer que Fifi não colocou em sua lista de peixes pescados na Lagoa do Sul, a tainha, peixe repetidamente citado e ainda pescado, com as devidas restrições, em temporadas conhecidas por moradores da Ilha Grande. Devido a existência da REBIO Praia do Sul é expressamente proibida a pesca na Lagoa. Devido ao conhecimento adquirido por certos moradores ao longo de sua vida na Praia da Longa, se tornaram profundos conhecedores das plantas e animais locais, da geografia, dos meios de produzir auto suficiência com caça e pesca; enfim, conhecimentos que habilitam qualquer pessoa a pescar esporadicamente dos entornos da Praia de Sul.

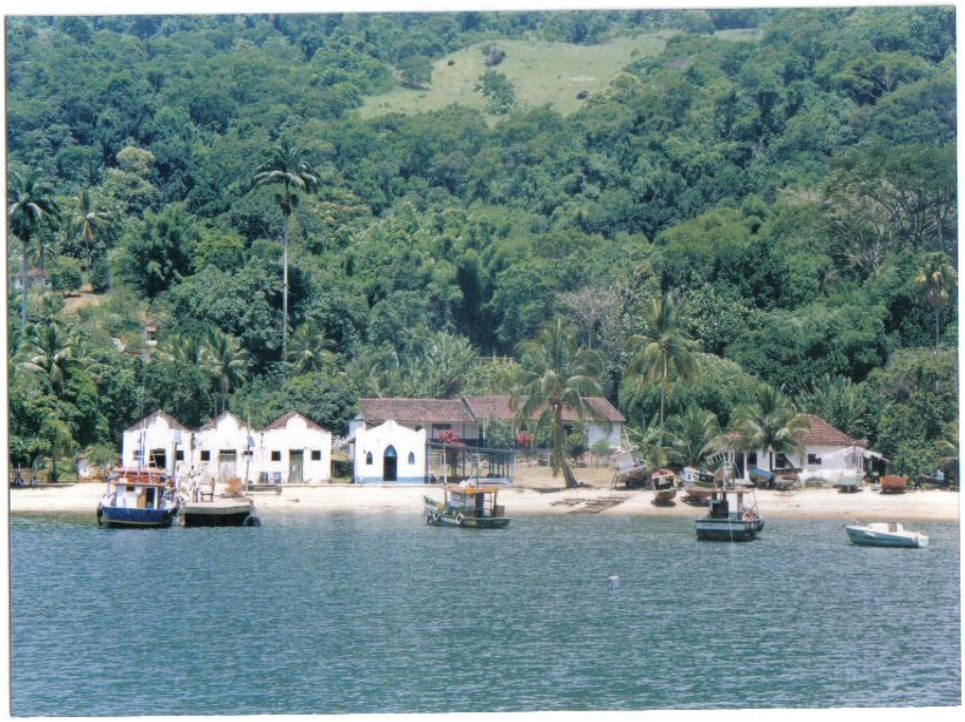
> Chegava na venda, ai se tinha um mais velho, não chegava não. Tinha que ficar por fora, por fora, até o mais velho falar: - Quer fazer compra, meu filho? Respeito né! Antigamente era espeto, porque se o mais velho sentisse qualquer coisa e "desse parte" ao pai da gente, à mãe ou madrasta, ou o que fosse, o coro comia, cara e eles não tinham pena, não cara. O bagaço de cana comia no lombo da gente (...) Agora não pode mais bater, dar uma sapecada no filho...vai preso né? Agora não pode não.

Repetidamente Fifi destaca as dificuldades e problemas comparando-os com os momentos atuais, nas restrições da vida em um lugar onde o trabalho e não a escola faziam parte da infância. A escola na Praia da Longa chegou tarde para Fifi, quando ele já tinha por volta dos 20 anos. Ele conta que a escola não tinha banheiro e que as crianças recorriam ao que hoje é o quintal de Tenório , onde havia uma "carreira de bananas" e pés de cacau onde faziam suas necessidades, diferente de hoje, e que "não tinha esse negócio de medo de cobra não". As crianças de hoje, na Praia da Longa, têm o beneficio da existência de sua escola multi-seriada, escola que abrange da alfabetização até o 5º ano, e a partir deste ano passam a estudar na praia vizinha de Araçatiba do 5º ao 9º e depois têm o segundo grau na Praia do Provetá, para onde são transportados pelo serviço de transporte marítimo da Prefeitura de Angra dos Reis. Fifi me conta que, no seu tempo, ele tinha a roupa de trabalhar na roça e a roupa para ir à igreja. Caso esta roupa rasgasse era preciso que fosse feito o remendo, fato que reflete a maneira como viviam e referidi igualmente por Odilia e Teófilo, antigos moradores da Praia da Longa que viveram esse "sistema cultural do sertão" e que também fazem parte das reflexões deste trabalho.

Marcada por sua vocação agrícola durante pelo menos todo o século XIX[16], o século XX, trouxe para a Ilha Grande, e para os moradores da Praia da Longa, mudanças consideráveis em termos das formas de uso e apropriação do espaço (meio físico) e dos recursos. Uma dessas mudanças se deu com a introdução das fábricas de sardinha. A vida de Fifi, que, naquele momento estava baseada na roça, passa a referir-se à exploração comercial da pesca e das atividades

[16] Ver mais em *O Ambiente da Ilha Grande,* livro organizado por Marcos Bastos e Cátia Henriques Callado a partir do material produzido por diversos pesquisadores da UERJ que têm estudos na Ilha Grande, para a construção do Plano de Manejo do Parque Estadual da Ilha Grande (PEIG). Nele há um denso relato sobre a historia da Ilha Grande.

associadas a ela. Fifi, assim como muitas outras famílias inteiras, homens, mulheres e crianças, mudaram parcialmente o eixo de suas atividades a partir da instalação das fábricas de sardinha .



Fabrica de sardinha" da Praia da Longa antes de ser demolida em 2008. Fonte : Rosane Prado, 2002

Ainda criança, Fifi trabalhava "raspando" sardinhas e enchendo tabuleiros e já ganhava, por produtividade, algum dinheiro. Com o pouco dinheiro, já conseguia comprar peças de roupa e eventualmente conseguia ir a Angra e alegremente me diz que "quando via um carro corria"; quando via um carro, porque ele me disse não existirem muitos naquele tempo e o que tinha mais mesmo era "burro cagando na rua". Me conta ele que Seu Teófilo, que viveu no tempo do sertão, tinha um burro na Praia da Longa e trabalhava junto com o falecido Benedito Aires, trazendo bananas de um bananal localizado nos 'Três Anjos' (já na "virada" para a Praia do Sul).

Domingos Teófilo nasceu em 1926, em Paraty, na Praia Grande da Cajaíba, localizada na Ponta da Juatinga. Hoje mora em Angra dos Reis e na Praia da Longa, como nos diz, porque conserva uma casa na praia, um sítio, uma "terrinha", para onde vai com alguma frequência. Seu Teófilo chegou na Praia da Longa para trabalhar colhendo e transportando banana.

> Eu vim pra cá, pra lá por 53. Aí depois que eu já era casado, aí que eu vim para cá. Cinquenta e três. Aí fiquei trabalhando. Vinhemos trabalhar com um senhor chamado Seu Atanajídeo, né. O Seu Atanajideo arrumou um lugar pra nois, ai fiquemo trabalhando lá, na roça , sabe. Aí a gente pagava o arrendamento de um ano pro outro, sabe. No ano que você morasse no lugar, aí o senhor pagava 120 reis, cento e vinte "mirreis " por ano, sabe.

Parte de sua vida, Teófilo viveu no sertão da Longa e de lá, só saiu com o que pode ser visto como um "declínio " do sistema cultural do sertão. No entanto, veremos como esse sistema cultural se projeta no que hoje é a vida na Longa e no que significa "ser da Longa". Isso pode ser entendido, como sugere Sahlins (1990), a partir do diálogo dos *eventos* – no caso, a introdução das fábricas de sardinha naquele momento bem como outros acontecimentos que vieram posteriormente – com a *estrutura* – no caso, a do esquema cultural do sertão que venho mostrando.

Dona Nélia, hoje com 58 anos, nasceu na Praia Grande da Cajaíba e quando ainda criança veio para a Praia da Longa. Seu pai veio trabalhar na "fazenda do Otávio no sistema de arrendamento". Trata-se de Otavio Mackormick, proprietário da antiga " Fazenda da Longa" que naquele momento arrendava suas terras em sistema de "meia" (no qual, trabalha-se a terra e o produto colhido é dividido entre o dono da terra e o dono da plantação), propriedade que posteriormente passou a ser gerida pela "Boating Club do Brasil". Dona Nélia, com cerca de 15 anos, trabalhava na Fábrica de Sardinha e morava no caminho da Cachoeira[17]. Ela lembra com clareza as atividades agrícolas que eram desenvolvidas por seu pai e muitas outras famílias do sertão, como nos relata Fifi. Segundo ela, quando seu pai chegou aqui se plantava arroz na

[17] Neste caso, Cachoeira é o nome de uma comunidade/ praia que fica entre as praias da Longa e Grande de Araçatiba, existente ate hoje.

baixada da Praia do Sul. O mais necessário (feijão, milho e mandioca) era plantado ali mesmo, onde moravam. Morro e costeira eram ocupados. Para plantar, o trabalho era árduo. Era preciso "derrubar a mata" e roçar com queima. O óleo usado para acender os lampiões (periquitas) era produzido pela mãe da Fátima, hoje, moradora local, e produzido a partir da mamona. As características de autosuficiência do tempo do sertão são repetidamente ressaltadas, assim como a dificuldade de obtenção de recursos do continente, que num momento posterior se tornam abundantes entre os ilhéus.

Fifi, no inicio da década de 80 (quando tinha quase 40 anos), foi trabalhar "empregado na fazenda; a " Fazenda da Longa", referida por Fifi, representa para muitas familias, literalmente, a chegada daqueles que se diziam, "os donos da Longa". Trata-se, do já referido empreendimento turístico[18] que os nomes de Fazenda da Longa e depois Boating Club do Brasil – mesmo não sendo implantado, apenas com a aquisição de terrenos, provocou severas mudanças na organização social e espacial dos moradores da Praia da Longa . Há uma variedade de depoimentos e versões sobre o que é a Fazenda da Boating, traduzida localmente de várias formas. Muitos moradores foram expropriados de suas terras, muitos abandonaram as casas e foram para o continente e alguns deles, como Fifi, foram absorvidos pela demanda de trabalho.

Tinha que trabalhar e não podia deixar mulher e seus cinco filhos "no mato", e em acordo com o gestor da fazenda veio morar nesta casa aonde vive atualmente, que estava abandonada. Ele me conta que isso ocorreu logo que conseguiu colocar um telhado de telha em sua casa no sertão, até então com telhado de sapê. Junto com ele, os funcionários da fazenda, que eventualmente eram outros moradores conhecidos da praia, desmancharam sua casa no sertão e o transferiram para esta. " Naquele tempo tinha o presídio né ". Não podia deixar mulher e filhos sozinhos no sertão". O medo de atos violentos o fez mudar, mas lembra que quando ainda morava com seu avô, quando criança a história era diferente. Apesar de haver o temor dos pais e das crianças andarem

18 Prado (2008) conta em detalhes ambas as versões, a dos moradores locais e a dos "proprietários" da terra, mas principalmente o que representou para certos moradores este empreendimento.

pelas trilhas, quando avisadas da presença de presos fugidos, pelos agentes que "caminhavam" atrás deles, ele diz:

> Encontrei várias vez, preso né. Eu já encontrei mas não fazia mal não. Os presos de antigamente não eram igual ao de agora não. Eram mais manso, só se fizesse malvadeza com eles né. Meu tio dava comida, dava agulha para remendar a roupa. Eles gostavam muito da gente, não fazia mal não. Meu avô dava café pra eles tudo(...) Às vezes fugia aquela turma...e batia lá em cima logo, nas casas de cima, eles vinha e falava: - Ô veio bom! Tem café pra nóis ai?- Ah tem!(respondia seu avô). Nós não tinha açúcar naquele tempo. Era ruim mermo. Aí o finado avô falava: - Tem mas é café de cana , vai demorar um pouco. - Ah! Não faz mal não...vamos ajudar.(respondiam os fugidos) Eles caiam com o "cambilo" no moinho... aquele...(Fazendo o movimento circular com a mão) de madeira. Moía um tacho grande de caldo, botava lá, fervia aquilo, passava no coador e daqui a pouco, café com batata, as vez aipim. Eles não faziam mal. Sabe o que eles fazia? Eles roubavam carne seca lá(no presídio), metia na cintura, assim, aqueles fardo grandão e fugia com aquilo só para dar para o finado avô.

Esse depoimento de Fifi remete a um tempo comum entre presos "mansos" e o café de cana, frequentemente lembrado e referido à fartura e qualidade dos produtos cultivados e preparados pelo "pessoal antigo". Tempo do moedor de cana de madeira, manual, e de muitas outras formas autônomas de suprir as necessidades domésticas. Quando pergunto a Fifi se ele sente saudade desse tempo que lhe traz sentimentos bons e ruins, riso e lamentação, ele me diz que tem saudade e que " ...era uma vida boa. Agora tá tudo modificado" e complementa:

> Às vezes fico pensando se eu quero aquele tempo...e agora como tá, modificou né. A gente pensa isso. Quando morava no sertão comia pão, bolo , essas coisas...Era só coisa plantada na roça. Era biju, aipim, batata. Pão era difícil ver. Em Angra não ia. Comprar pãozinho tinha que ser em Angra. Quem é que ia? Nós não ia. Até os mais velhos não ia.(...) Naquele tempo não tinha passeio.

A vida hoje, na sua visão , para além da saudade que " bate", traz facilidades para ele e para as novas gerações. A todo tempo Fifi fala das facilidades das crianças que vão a Angra, têm roupa e comida farta sem esforço, vão à escola e, inclusive pela maior proximidade do continente, vão passear lá. É

perceptível e sensível para Fifi e outros moradores da Longa esta mudança, ao mesmo tempo que são nítidos a intensificação do contato e a dependência de artigos e alimentos oriundos do continente. Como já foi dito, os produtos agrícolas oriundus do sertão, paulatinamente foram substituídos pela alimentação massificada adquirida nos mercados de Angra.

Fifi desocupou sua casa e transferiu suas coisas para trabalhar na Fazenda da Longa, mas as terras, na parte alta dos morros, no caminho para a Praia do Sul, e de muitos outros moradores que já viviam na praia, não mais poderiam ser ocupadas. Muitas casas foram demolidas ou simplismente abandonadas mediante o impedimento mais direto da prática da roça e atividades de caça. Muitos dados podem estar conectados a esse processo, entre eles, a construção de uma estrada que liga a Praia da Longa com a Praia do Sul, e que foi construída inclusive com a ajuda dos moradores locais[19], como Fifi, que trabalhava no mato, abrindo picada. Atualmente, em meio a mata, ainda podem ser observadas partes dessa estrada que já funcionou e foi abandonado junto com o projeto de *resort*.

Fifi em sua casa. Fonte: Debora Herszenhut, 2009

19 - Tenório é um dos que trabalhou na construção, tem registros desse processo e do tempo em que atravessava para a Praia do Sul dirigindo um *Jeep* .

Atualmente, Fifi, mora com a esposa, tem em seu quintal plantas como a fruta-pão, bananeiras, urucum, flores, limoeiros e algumas plantas medicinais. Ele me diz que aprendeu "com o pessoal antigo" a utilizar e cultivar essa que era a base dos tratamentos realizados no sertão; e mesmo me revelando que não mais utiliza este tipo de tratamento, conta que dias antes foi na casa de outro morador para pegar folhas de andraca, planta que segundo ele serve para tratar de disenteria. "Ainda panho algumas ervas". O saber sobre as plantas medicinais ou utilizadas como remédio é muito utilizado por vários moradores e isso não é uma exclusividade da Praia da Longa na Ilha Grande; comomostram Maciel e Cardoso (2003). Em muitas outras localidades da Ilha Grande[20], como nos interiores do Brasil é igualmente comum utilizar os próprios recursos (plantas) da mata como remédio e de um saber que é vivido e transmitido intergeracionalmente; como nos lembra Brandão, o conhecimento adquirido pelo "pessoal antigo" e transmitido para as gerações sucessoras parte da bravura e da disposição de conhecer este ambiente e torná-lo propício à vida.

> Aquilo que se reproduz entre pescadores, índios e camponeses como saber, crença ou arte reproduz-se enquanto é vivo, dinâmico e significativo para a vida e a circulação de trocas de bens, de serviços entre pessoas e grupos sociais. Enquanto resiste a desaparecer e, preservando uma mesma estrutura básica, a todo momento se modifica. O que significa que a todo momento se recria.(BRANDÃO 1982: 38)

Fifi foi formado dentro do sistema cultural do sertão. Como foi revelado aqui, cedo já dominava o trabalho na roça, cuidava de animais domésticos, caçava, pescava e conhecia métodos de processar os produtos extraídos da lavoura. Conheceu e aprendeu a reconhecer plantas para uso medicinal.

A propósito dessa trajetória de Fifi, remeto a Rogério Ribeiro de Oliveira em seu estudo sobre a ação antrópica na formação da floresta de Mata Atlântica da Ilha Grande, no qual coloca que "é evidente que o legado ambiental que nos chegou até hoje é produto das relações de populações passadas com o meio." (Oliveira 2002: 33). E neste caso da Ilha Grande, temos registros históricos

[20] -A propósito, ver o trabalho de Maciel e Cardoso (2003), sugestivamente intitulado *Cura, sabor e magia nos quintais da Ilha Grande.*

consistentes de diferentes processos de uso desse ambiente. O resultado material deste processo de transmissão do legado ambiental pode ser observado no terreno e na casa de Fifi ou quando se chega de barco na Praia da Longa. Toda a encosta que cerca a praia e está coberta por densa mata, a dita Mata Atlântica. As novas gerações de moradores convivem com os limites "legais" de uso do meio físico , bem diferente do tempo da infância de Fifi, quando as encostas eram tomadas pelas casas, pelas roças e pelas criações e se vivia "no mato", utilizando recursos locais.

Segundo a perspectiva de Ingold (2006),que adoto pode-se ver que no caso aqui considerado o conhecimento sobre o ambiente físico parte de uma classificação e seleção apurada, da fauna marinha, da fauna lacustre, da fauna da Mata Atlântica e da flora, assim como também pressupõe a apreensão de novos elementos num movimento de fazer crescer, conceito definido pelo autor como de autopoiese; meio físico e seres vivos (incluídos os humanos) se fazem crescer e deste processo e/ou encontro extraem-se as formas de vida e de sobrevivência. A cultura do sertão, marca da relação que Fifi estabelece com o ambiente em que vive, está viva em grande parte das pessoas que também ali vivem. Como nos lembra Brandão (1982), vive permanecendo viva e existe existindo. O sertão *existe* na Longa, como uma densa referência a um tempo passado, quando se vivia "lá em cima", guardada pelos moradores mais velhos e reproduzida pelos moradores jovens, que crescem ali renovando um modo de ser especifico – que lhes permite dizer "eu sou da Longa –, observado no modo como são transmitidos e adaptados os valores e saberes, desde os quintais, o modo de falar, as brincadeiras, até a festa de São Pedro, que acontece todos os anos na Praia da Longa e é marca desse modo de ser local, como veremos no próximo capítulo.

3- A FESTA DE SÃO PEDRO: UM MODO DE SER DA LONGA

Festa da Longa. Fonte: Rosane Prado, 2007

“ Depois que terminou a missa, a festinha é mais do povo.”

(Seu Teófilo)

O filme “Viva São Pedro”, de minha autoria, juntamente com Debora Herszenhut, ao final anexado, deve ser considerado e assistido como parte deste capítulo, muito embora constem aqui fotos ilustrativas como nos demais capítulos. Em julho de 2008, eu e outros membros da pesquisa participamos da Festa de São Pedro na Praia da Longa e esta era a quarta vez que a equipe estava nessa festa que ocorre anualmente e que é também considerada a “ Festa da Longa”, sendo São Pedro o padroeiro da vila. Mas desta vez, não só participamos, filmamos todas as etapas possíveis da festa. Uma câmera e muitos acontecimentos simultâneos, e assim que aportamos na praia fomos envolvidos por eles.

As imagens daquele final de semana de festa ficaram guardadas até 2010, quando decidimos fazer a projeção[21] do filme na véspera da festa desse ano. Tínhamos as imagens de todo aquele final de semana de atividades, alguns depoimentos espontâneos e uma coleção de cantos religiosos realizados durante a procissão marítima e durante a missa, e nenhuma entrevista formal. Decidimos então, fazer entrevistas para coletar histórias e versões sobre a Festa de São Pedro. Conversamos com Dona Nélia, Deise, Dário, Selma, Odília, Ditinho, Teófilo e Dona Nêga, personagens da festa e agora personagens do filme. A decisão de se fazer novas entrevistas emergiu, neste contexto, da necessidade de que aquela história fosse narrada pelos festeiros, como sao conhecidos por lá, todos aqueles que participam da festa.

[21] Projeção de filmes é desde 2008, uma das atividades realizadas no âmbito da pesquisa, a qual chamamos de Cinema na Longa e trata-se simplesmente do exercício de devolver aos moradores locais parte do trabalho que realizamos; o da produção de documentários etnográficos. Em uma de suas experiências, em 2008, na véspera da festa de São Pedro foi realizada a projeção do filme “ Pegadeira”, que retrata uma pescaria de lula. A pesca é atividade em plena execução e que envolve diversas pessoas na Praia da Longa, de diferentes gerações; mas em determinada época, a pesca de lula, em especial une todos em torno de uma pescaria lúdica e competitiva levado com brincadeira e seriedade ao mesmo tempo. Come-se muita lula durante essa época mas também se vende muita lula nesse período. O filme apresentava um olhar bem peculiar sobre aquele momento excitante para muitos moradores da Longa e a cada puxada, Antony, Alfredo e Moacir brilharam na pesca e no filme. Fato comum já neste ano; Foi apresentado na véspera da festa de São Pedro de 2010 o filme aqui usado como referencia de análise, portanto um filme sobre a festa, na véspera da festa. O filme apresentado aos moradores, já não é mais o mesmo, pois já fizemos novas alterações em sua forma e conteúdo. “ Viva São Pedro” apresentado aos moradores da longa. Ver detalhes em Herszenhut (2010)

O filme se realiza portanto na combinação das imagens da festa de 2008 com depoimentos colhidos em 2010. "Viva São Pedro" é assim, um filme realizado no âmbito de uma linha de pesquisa em antropologia e resultado de um longo processo no qual imagens compõem parte fundamental da reflexão sobre o que representa a Festa de São Pedro para alguns dos moradores da Praia da Longa[22].

Todos os anos, cada praia/ comunidade da Ilha Grande faz uma festa em homenagem ao seu padroeiro como por exemplo, a festa de Santa Cruz, realizada anualmente na Praia do Aventureiro e a de São Sebastião, na Praia do Abraão. Na Praia da Longa a Festa é para São Pedro, esse evento de grande importância para a gente ligada à Longa, tanto os que vivem ali como os que vivem em outros locais. O filme e o final de semana da festa começaram na sexta-feira, 2 de julho de 2008, pela manhã, com a retirada de bambu da costeira, com que se fez a com a decoração do coreto, dos barcos e da ponte, como é conhecido o local onde aportam os barcos, trabalho executado pelos "meninos". Folhas de carnaúba são também usadas na decoração do "coreto", ornadas com delicadas flores.

O bambu, retirado da costeira é usado para fazer um túnel de arcos que vai da ponte até a igreja. Folhas de coqueiro compõem, junto com as bolas de encher e com as bandeirinhas, os adornos do coreto da igreja.

[22] As entrevistas foram realizadas individualmente e a filmagem das entrevistas foi realizada em Angra dos Reis e na Praia da Longa. Foram compartilhadas visões entre os membros da equipe, exercício que sempre tornou rica a sua execução, assim como aconteceu em todo o processo de edição, quando assistíamos sucessivas vezes as imagens , trechos de entrevistas, atentávamos para o detalhe do "dialeto" local, detalhes perceptíveis com a aproximação com as imagens num sentido quase literal, ou seja, de ver , rever, decupar e editar as imagens. A edição do filme encontra-se neste momento em processo de finalização. O filme utilizado nestas analises, é aquele editado e apresentado aos moradores da Praia da Longa. O depoimento de algumas pessoas foi utilizado neste trabalho e não somente as falas que entraram no filme, mas sim as entrevistas na íntegra.

É montado um cenário de festa. O coreto, assim chamado lá, consiste em uma área coberta, ao lado da igreja, que serve a vários propósitos da população local. A chegada constante de mais festeiros na ponte reforça ainda mais a mudança da rotina local. Na noite de sexta, algumas senhoras, moças e crianças da praia se encarregam da decoração da igreja.

Altar decorado e São Pedro. Fonte: Mario Wiedemann, 2011

Os andores de Nossa Senhora da Conceição, Nossa Senhora de Fátima e de São Pedro são minuciosamente decorados e ornados com lírios, rosas e samambaias vindas do continente. Flores de papel *crepon* são feitas para decorar o altar. Selma, Dona Nêga, Fátima, Ângela e Dona Nélia cuidam[23] da arrumação dos andores e da igreja. Elas fazem parte dos católicos que a propósito da festa, são responsáveis por receber o padre e fazer os preparativos para a missa.

[23] Todos esses pessoas serão apresentadas ao longo do texto, mas adianto que elas representam diferentes gerações de moradores da praia.

O sábado amanhece com crianças correndo na ponte e fogos anunciando a chegada de mais festeiro e com mais coleta de bambu para a montagem das barracas, construídas no entorno do coreto para venda de bebidas e comestiveis à noite. Sábado é o dia da missa, realizadas à tarde. Em eventos simultâneos, as barracas são minuciosamente construídas[24], para o fervor da noite de forró e mais visitantes chegam para fazer acontecer a missa, como também o próprio padre vindo do continente. As coisas ficam mais intensas quando a missa é interrompida e os moradores ficam em posição de maior destaque, porque dá-se inicio à procissão marítima. Momento em que os andores são levados, ao som de um cântico religioso para serem colocados cada um em um dos barcos que pertencem aos pescadores locais.

Senhor, tu me olhaste nos olhos.
A sorrir, pronunciaste meu nome,
Lá na Praia, eu larguei o meu barco
junto a ti, buscarei outro mar.

Incessantes fogos cortam o céu e seus estampidos são ouvidos em meio ao "Viva São Pedro!" gritado por algum festeiro, alternada com as cantorias. A procissão marítima segue pelas águas da Baía da Ilha Grande com muitas traineiras, botes e canoas até a enseada vizinha de Araçatiba e Praia Vermelha, convocando os barcos locais, soltando fogos e cantando. No retorno, todos voltam para o coreto para cantos finais, com a "paz de cristo" e a benção no fim da missa.

[24] Construídas artesanalmente com vigas principais de "bambu gigante" e vigas de sustentação de "bambu do reino". As paredes inferiores da barraca, abaixo do balcão são cobertas com trançado de varas de bambu e para o balcão, tábuas de madeira e *palhas* de carnaúba.

Procissão Marítima na enseada da Praia da Longa, Festa de São Pedro. Fonte: Mario Wiedemann, 2011

Sábado à noite, no mesmo coreto, acontece o esperado leilão de vinhos, frangos e vários outros artigos disputados a cada lance. A equipe do Mister Som junto com os "puxadores" comandam as disputas até assumirem de vez o comando do salão do coreto para o forró da Longa. As barracas, agora ocupadas por seus " donos" servem pastel, churrasquinho, quentão, cerveja, bolo, doces e outros quitutes até o final da noite. Nas festas de que tenho participado na Praia da Longa, percebo que a euforia do forró se realiza em um crescente e que rende até o final da madrugada. É no forró que se pode perceber certos códigos sutis de relação entre os casais da praia, do que significa a infância, a juventude, a maturidade e o lazer, códigos que constituem o modo de ser local, sempre em diálogo com os contextos mais amplos, novas demandas, novas famílias.

Forró da Longa. Fonte: Mario Wiedemann, 2011

A ressaca que recai sobre todos é animada na manhã de domingo para a disputa do torneio de futebol que acontece no campo local. O dia do futebol é acompanhado com muita expectativa por moradores, visitantes e jogadores. A Praia da Longa recebe os times de outras praias da ilha, como Provetá, Araçatiba, Praia Vermelha[25], Saco do Céu, Japariz e Matariz. É um momento em que também o campo fica rodeado de jovens, crianças e adultos acompanhando seus times. O fim do torneio de futebol marca o fim das comemorações da Festa de São Pedro e novamente a Longa volta à tranqüilidade cotidiana.

25 - De uma maneira geral somente jogam no time os moradores do local, mas freqüentemente podem ser incluídos visitantes e amigos, para compor os times.

Torneio de futebol da Festa de São Pedro. Fonte: Mario Wiedemann , 2011.

A mudança mais percebida pelos próprios moradores e que pode ser observada na festa, é a carência de católicos. Devido à "falta de católicos na Longa, a festa foi fraquejando", é o que dizem. Selma, nascida em Mangaratiba, vive na Longa hà anos desde que se mudou para lá para morar com seu marido, Tenório, dono do já referido estaleiro na Praia da Longa. Ela representa a ala de católicos e desde quando chegou lá participa da Festa de São Pedro, sendo uma pessoa que acompanhou de perto o esvaziamento da Igreja Católica no lugar. Ela nos conta que eventualmente freqüenta a Igreja Evangélica, cujo crescimento ela acompanhou ao mesmo tempo em que a Igreja Católica se esvaziava trazendo conseqüências para a realização da festa. Segundo ela, as atividades rotineira de canto e dança da Igreja Evangélica atraíram as pessoas. O resultado disso é que as pessoas passaram a freqüentar a Igreja Evangélica, mudando sua rotina religiosa. A falta de fieis católicos fez com que a festa ao longo do tempo fosse perdendo força. Para Selma, fato que também ilustra isso claramente é o que ocorreu com o conhecido forró da festa. Segundo ela, não tinha o "som" como o de atualmente, e o forró ficava por conta do "Didi e sua gente", que tinha como sanfoneiro, o morador Didi

acompanhado por outros moradores como Casinho, que com panelas, garfos e garrafas puxavam a multidão até o amanhecer. O tempo passou e Didi, como também Casinho "viraram" evangélicos. Nesse mesmo processo Selma viu serem interrompidos os trabalhos de catequese por um dos quais era responsável. Diz que viu acabarem estes na mesma proporção que viu acabarem os batizados no dia da Festa de São Pedro.

Domingos Teófilo, já referido neste trabalho, foi repetidamente citado pelas pessoas da Longa por "conhecer as histórias" e por ser grande colaborador da festa. Teófilo acredita que a falta de atividade da Igreja Católica contribuiu para "que o pessoal fosse ficando protestante, abandonando a festa". Para ele, "depois que terminou a missa, a festinha é mais do povo". Odília Maia Ramos é nascida e criada na Praia da Longa, tem 63 anos e é filha de Francisco Manoel Maia, agricultor e empreendedor local, um "guerreiro" que viveu na Longa o "tempo do sertão" e foi importante articulador dessa festa e desta comunidade. Odília se orgulha muito de fazer parte da história local. Conta ela que, em 1947, com a ajuda de seu pai, se tornou professora na escola da "Fazenda da Longa". Seu pai, junto com a esposa, trabalhava vendendo a farinha que produzia com a mandioca que plantavam, e com o tempo acabou se tornando dono de pequena venda local, o que possibilitou que a vida de sua família prosperasse. Odília, uma de suas filha foi a única que ficou na Praia da Longa. Para ela, a festa

> ficou uma história, como se fosse uma coisa antiga que não pode acabar (...) Ficou na história (...) É uma coisa que tem que existir todo ano, né. Eu hoje sou evangélica, mas eu não queria que terminasse porque é onde vem minha família, é o lugar também, é uma coisa que marcou a historia da Longa(...) Eu me sinto bem vendo (...) Não quero que isso se apague porque é muito bonito. É um folcrório.

Segundo Odília, que "passou para evangélica", desde sempre o padre vinha de Angra dos Reis para a missa e as atividades da igreja. Foi cada vez menor a freqüência do padre e por isso os fieis e as atividades da igreja católica foram perdendo importância e gradativamente a Igreja Evangélica, mais presente no local, ocupou o espaço deixado pela outra. Vale lembrar aqui que a Igreja Evangélica é dirigida por um pastor que sempre foi alguém que mora no local,

mantendo uma proximidade maior com os moradores. Odília tem muitas lembranças e preferências em relação à Festa da Longa, desde o tempo de quando a procissão acontecia na Praia, quando tinha forró três vezes por semana, no tempo em que já havia duas igrejas na Praia da Longa e os católicos eram a maioria dos moradores.

> No começo ela não saía no mar não. Ela, a procissão era feita em terra. Eles fazia uma lanterninha de bambu, colocava a vela. Quando chegava uma hora dessa que saia a procissão.Quatro horas, quatro e meia saía a procissão e nós descia até a praia, todo mundo com a lanterninha (...). Aí, eles forravam com papel, papel azul, papel branco, vermelho. Ficava colorido, ficava bonito (...). Na época não tinha luz, não tinha luz elétrica, nem luz a gás não tinha, era tudo a querosene. Uns fazia com vela, outros lanternas de bambu (...). Então , vinha até esse canto, dava aquela volta e voltava prá lá saudando São Pedro e tudo.

Apesar de não estar participando da festa, é muito importante para ela porque é um momento quando seus familiares (sobretudo filhos e irmãos) e amigos vão para a Longa, quando vão também vê-la. Mesmo de longe, como nos conta, Odília torce para que a festa não acabe, por isso e pela beleza que envolve todas aquelas atividades que devem ser feitas coletivamente. Seus filhos e irmãos participam da festa. Um de seus irmãos, Dario Maia, é um importante articulador e personagem desta festa e acompanha há algum tempo sua realização. Dario Maia, católico praticante, cantor e músico da missa, é um dos que me apresentam São Pedro, o homenageado desta festa,

> São Pedro tem tudo a ver com a comunidade. Esse pescador, que virou pescador de almas. Então para mim e para a comunidade da Praia da Longa, ter São Pedro como Padroeiro é uma grande honra, uma grande honra porque ele protege a Praia da Longa.

Dario Maia é nascido na Praia da Longa e atualmente vive em Angra dos Reis onde desenvolve parte das atividades/obrigações para a realização da festa. Tem papel fundamental para que a festa aconteça. É também através da sua atuação que são expedidas as licenças do Corpo de Bombeiros e prefeitura ,que são obtidos o apoio da polícia militar, patrocínios financeiros e doações

que sao conseguidas para a festa e tornam possível a realização da mesma. Os sistemas de regulação[26] articulados à organização legal da ocupação do local, do uso dos recursos e circulação, tm estado, desde o tempo do sertão cada vez mais rígidos para eventos desta natureza e por isso, é preciso ir seguidas vezes a Angra dos Reis para resolver os "assuntos" da festa. Isso hoje ocorre desta maneira: Pessoas que moram em Angra ficam responsáveis por essa parte "legal" da festa e os moradores ficam responsáveis pela organização na Praia.

A organização local se faz presente na Praia da Longa muito antes do final de semana da festa. Ditinho trabalha no estaleiro desde que chegou na Praia da Longa e já esteve vivendo em Angra por um tempo, mas atualmente vive na Longa e é um dos que organizam a decoração da festa e um dos "puxadores" do leilão. A preparação da igreja faz parte dos "bastidores" da comunidade

> A gente começa a organizar tudo uma semana antes. Aí que você vê a correria. Ai é lava daqui, pinta dali, é corta bambu, fazer bandeirinha e por aí vai. Uma semana e a galera começa a pegar, uma semana antes o coro come, pra festa ficar bonita, se não, não fica

Em todo o trabalho dos " meninos" de preparação da festa, decoração da ponte e construção das barracas, fica nítida a organização coletiva em mutirão para a execução das tarefas. O trabalho em mutirão, manifesto na Praia da Longa em outras atividades além da festa, reflete certos elos de identificação dos moradores entre eles e com seus objetivos. Em oposição aos sistemas individualistas, o mutirão não depende da atuação da associação de moradores, de uma organização burocrática rígida ou hierarquias. O que se percebe de imediato nessa mobilização é que há um consenso, uma identidade, uma vontade a partir de um saber próprio para a realização de uma boa festa, sem importar a "épa"(época)[27]. As histórias da festa contadas pelos

[26] Os sistema de regulação tem a ver com as exigências legais da Prefeitura de Angra dos Reis, dos bombeiros e da policia militar para que seja realizada a festa. No ano de 2009 a festa não foi realizada devido a um embargo dos bombeiros e conseqüentemente do não apoio da prefeitura. A ponte estava sem condições de acomodar o peso das embarcações e dos visitantes e moradores, o que colocaria todos em risco.

[27]- Essa expressão "épa", ouvida por mim assim, é comumente usada por Dona Nelia, moradora da Praia da Longa e profunda conhecedora das histórias locais, ao referir-se aos tempos passados, também o tempo do "falecido Elias", seu marido.

moradores remetem ao " folcrório" local, nas palavras de Odília, porque passam pela fé no que representa São Pedro, pela participação social na vida da comunidade, e pelo tipo de atividade (modo de vida) praticado cotidianamente. Quando o pescador não estava em terra, mas no mar, na arte de seu ofício, era comum que eles pedissem por boas pescarias, bom trabalho e proteção, prometendo, com a obtenção do sucesso, contribuir com alguma "obra da igreja". Carlos Brandão, como estudioso de manifestações da " cultura popular", nos lembra que não há regra a se seguir para a realização de uma festa deste tipo. O que se considera como folclore, segundo ele, é adaptado ao momento usando-se o meio mais comum, que é a oralidade. Filhos que aprendem com os pais e ensinam aos seus filhos, por certa " imitação".

> (...)o folclore é vivo. Ele existe existente, em processo. No interior da cultura, no meio da vida e dos sonhos de vida das pessoas, grupos e classes que a produzem, o folclore é um momento da cultura e aquilo que não foi ele, há um século e meio atrás pode estar sendo ele agora (...)(BRANDAO 1982: 48)

Cada um sabe o que fazer. João Paulo é pescador, tem cerca de 30 anos de idade e desde a infância vive na Praia da Longa. É casado com Daniele, filha de Fátima, uma das principais articuladoras da festa. Diogo, também irmão de Daniele e filho da Fátima, é um jovem de 25 anos, nascido e criado na Praia da Longa, onde vive atualmente em sua casa na parte alta do morro. Já trabalhou como pescador, no barco de seu pai mas atualmente tem-se firmado como pedreiro. É Diogo um dos que participam ativamente das atividades locais de organização da festa, decoração e construção de barraquinhas. Seguindo as perspectivas adotada por Ingold (2006) e Brandão (1982), a Festa da Longa pode ser vista como um momento que une diferentes gerações do lugar e como sempre tendo sido adaptada aos novos contextos, constituindo-se sob o mesmo prisma das brincadeiras de pescar, de cercar, de arrastar e de matar o peixe, praticadas pelas novas gerações de crianças e que existem, porque existem lá muitos pescadores.

Brincadeira usual entre as crianças, a brincadeira de como pescar. Fonte: Rosane Prado, 2006

São representações reais da pesca, em sua escala possível e refletem esse modo de fazer e transmitir o conhecimento. Esse momento de conexão pode ser percebido quando João Paulo e Diogo estão construindo uma das barracas da festa. Em determinado momento, cercados de crianças, faziam a decoração com a carnaúba ao mesmo tempo em que observavam a movimentação das pessoas que chegavam na ponte. Como as crianças, que brincam de pescar, aquilo que faziam era um movimento de impressão da cultura no ambiente, na paisagem e na perspectiva de Belée (2008), um encontro dessas pessoas com esse lugar, numa escala ativa de transmissão deste saber-fazer para as novas gerações.

Desde os tempos da procissão feita na praia, como nos conta Odília, herdeiros da disposição de fazer a festa e celebrar São Pedro e a comunidade vêm fazendo acontecer e modificando as formas de fazer a festa na mesma medida em que viram suas vidas mudar. Eles transmitiram mais do que um jeito de fazer a festa, eles transmitiram um impulso, criaram uma conexão histórica

com as novidades. A procissão marítima surgiu como "novidade" a partir deste *saber fazer* necessário e ao mesmo tempo símbolo da conexão com esse "folcrório" local que une o modo de fazer ao momento da vida. No seu propósito de formular um modo de compreensão do que é " conhecimento tradicional local", Ingold e Kurtilla (2000) propõem que tal conhecimento seja reconhecido, não como uma herança cultural cristalizada, ou um roteiro herdado a ser seguido, mas sim a partir de habilidades e práticas vividas, e em constante processo. Assim se pode ver como os moldes da festa tem passado por variações, mas ela segue feita e vivida pelos moradores como uma marca do lugar: a Festa de São Pedro, que é a *Festa da Longa*. Retomo aqui a fala de Odília sobre a beleza da festa e vejo o que ela quer dizer quando fala que não quer "que isso se apague pois é muito bonito". A festa acontece sob esse prisma, de uma " beleza" que é reconhecida pelos participantes e compartilhada por todos. Todo o trabalho dos envolvidos ao construir os enfeites do coreto, decorar os barcos com bolas e plantas, visto aí sob o prisma da "beleza" da imagem, como coloca Herszenhut (2009), revela que "nestes olhares, nestas reações e trocas estabelecidas através da apreciação de uma imagem em conjunto é que surge o que chamo de 'compartilhamento do sentimento estético'"(Herszenhut 2009 : 20).

A "fé" em São Pedro mudou, como referiu-se Teófilo, dá mais espaço para a celebração da coletividade, do povo. Odília e Selma deixam claro que não têm conflitos quanto a ser católica ou ser evangélica, sendo a relação com Deus mais importante do que com a igreja, mas registram, com clareza, a ausência dos trabalhos da igreja como grande responsável pelo pouco número de católicos na Longa. Mas, se essa é uma questão para os católicos, isso não retira o peso simbólico da festa como *da Longa*. Moldada pelos novos paradigmas locais, a Festa da Longa é um evento de participação coletiva especial, capaz de mobilizar muitas pessoas para fazê-la acontecer e capaz de manter-se como referencial para todos do lugar. Apesar das mudanças pelas quais a festa passou, ela constitui um evento de atualização de uma relação. A relação das pessoas com suas histórias pessoais, memórias pessoais e as histórias do lugar, coletivas, que acabam congregando com pessoas de outros lugares, de outras orientações religiosas, com diferentes visões.

A Festa de São Pedro é um evento que, de um lado, revelaum *modo de ser da Longa*, no sentido de uma cultura local, e de outro lado, sustenta o sentimento de *ser da Longa*, no sentido identitário de pertencimento ao lugar. Essa Longa que se renova articulada ao turismo no local, às necessidades das novas gerações e ao mesmo tempo valorizando aspectos "tradicionais" da cultura local, mantendo vivo o sertão, como uma referência. "Ser da Longa" é partilhar tudo isso, como é valorizar a Festa de São Pedro.

Até aqui temos visto como se manifesta afirmativamente "ser da Longa", num processo de agregação de novos valores e mudanças de práticas, mas na direção e em referência a valores e saberes locais, exemplificados no sertão e na Festa de São Pedro. Veremos em seguida como isso também se manifesta *por oposição* a processos da sociedade abrangente, num processo de confronto e recusa, exemplificado nas reuniões "de projeto".

4- REUNIÕES “DE PROJETOS” NA PRAIA DA LONGA

Foto da logomarca do Projeto e da ONG Rumo ao Mar. Foto: Mario Wiedemann, 2010

“ Tem malandro ai querendo roubar a Longa”

(Tiãozinho)

As colocações expostas neste texto correspondem a visões particulares minhas, não necessariamente correspondem às visões dos membros da equipe de pesquisa. Esse texto traz reflexões a partir da experiência de atuação em situações de conflito. O video aqui referido é material de arquivo da pesquisa e não constitui anexo dessa dissertação devido ao grau de comprometimento das imagens.

Desde 2005 quando ingressei na pesquisa, venho participando de uma série de reuniões no coreto, local tradicionalmente escolhido para o debate de assuntos que demandam decisões coletivas, ou seja, dos assuntos da assembléia de moradores, como as reuniões com a prefeitura e órgãos ambientais. As reuniões promovidas em 2007 para a revisão do Plano Diretor (PD) de Angra dos Reis, foram um momento em que os moradores da Ilha Grande ficaram em situação de alerta e na Praia da Longa não foi diferente. O formato dessas reuniões seguia uma lógica própria, inescapável. Os promotores da reunião desembarcavam na ponte, ocupavam o coreto, organizavam as cadeiras, montavam os projetores, colavam mapas e expunham os termos da reunião. Era evidente a dificuldade de comunicação entre os agentes do poder público e a população local, ou seja entre o sistema burocrático de regulação do espaço, e o sistema local de organização do mesmo espaço. Essa dificuldade de comunicação deriva da diferença do uso e do significado que este lugar tem para ambos. Repetidamente, a dificuldade derivava em conflito quando eram debatidas as formas de uso das áreas contiguas às casas. O moradores queriam a garantia de terra, para fazer um quintal, pequenas roças ou pequenas criações, assim como garantir espaço para a construção de uma outra casa. Utilizando um modelo de organização do espaço baseado em padrões urbanos de zoneamento e engenharia civil, a proposta da Prefeitura de Angra dos Reis para este PD na Ilha Grande era de definir as áreas, nessas comunidades que poderiam ser ocupadas, segundo premissas conservacionistas, tudo isso através de cartas topográficas, com áreas definidas por categorias prontas, coloridas, segundo uso e determinação. O receio das propostas, colocava as pessoas em um " estado de nervos" que as impedia de pensar coletivamente.

As formas de organização constituídas nesta comunidade contrastam com as formas incisivamente individualistas promovidas com a regulação advinha do poder público, que vem imposta e certas vezes criminalizando práticas e lógicas locais.

Em junho de 2009, ocorreu uma reunião na Praia da Longa que tornou-se para mim símbolo do papel do registro audiovisual para pesquisa e também foi mais um momento de manifestação coletiva dos moradores em prol de um sistema local, em prol de uma história da Longa, em que ficou evidente o *modo de ser* da Longa, como também foi manifestado o sentimento de *ser da Longa* aos quais venho me referindo; mas neste caso, em oposição a uma prática globalizadora. O *Rock Progressivo,* como ficou conhecido, é um vídeo/registro da reunião realizada pelo IRMAR para a apresentação de um "projeto sócio-ambiental" para a Longa e seus moradores.

Voltarei a falar sobre o *Rock Progressivo*, mas antes devo explicar do que se trata o IRMAR, que significa "Instituto Rumo ao Mar", essa organização não-governamental/ empresa que segundo seu Presidente, atua em "projetos em vários lugares do Brasil, com iniciativas educacionais que articulam essas populações a projetos ligados ao mar". Cristiano Pontes é o vice-presidente da "empresa" e "articulador local" conforme ele se designa já conhecido entre acadêmicos e gestores devido a sua participação numa ONG que em certo momento atuou na Ilha Grande, chamada de " Parceiros da Terra" mas também referida como "Parceladores da Terra", como crítica por parte daqueles que querem denunciar "outros interesses". A reunião do IRMAR era mais uma iniciativa de um projeto social, educacional e ecológico (conforme todas essas categorias consagradas) a ser desenvolvido na Praia da Longa.

Para os moradores da Longa, o IRMAR surgiu quando alguns deles, separadamente, foram procurados para participar do projeto. Um deles, Tenório, já referido neste trabalho, desenvolve há muitos anos, no seu quintal, que é também parte da praia, as atividades de seu estaleiro de manutenção e construção de embarcações. Um dos " Projetos Prioritários" propostos era o de uma "Oficina/Escola de construção e reparos navais", uma iniciativa que

trazia apreensão para Tenório, visto que o objetivo do projeto era ocupar a área de sua posse e comandar as formas de execução do trabalho, colocando Tenório como um instrutor dos aprendizes. Vale destacar aqui um dos pontos de conflito, pois o estaleiro além de ser um empreendimento familiar, gerando renda para sua família, também incorpora outros moradores e parentes da praia ou do continente, para trabalhos complementares promovendo geração de renda para outras famílias e circulação constante de aprendizado e aprimoramento do trabalho nos moldes locais, através da prática constante e dos desafios particulares de cada trabalho. Tenório estava apreensivo porque a promessa de um futuro enriquecedor vinha com a construção imediata de um guincho e trilhos para a "subida" dos barcos, junto com muitos outros benefícios oferecidos a ele, e especialmente a ele, já que é um dos principais empreendedores locais. Outra nativa da Praia da Longa procurada pelo IRMAR, foi Neide, filha de Dona Nélia, casada e mãe de dois filhos, que vive em Itaguaí, mas sempre está presente na casa de sua mãe e nos debates e assuntos locais. Sendo advogada, exerce um papel de mediação para os moradores no encaminhamento de outras questões, tendo tido participação ativa no último processo de eleição da diretoria da Associação de Moradores bem como sido eleita como representante da Longa junto ao conselho de revisão do PD.

Tenório e Neide – por oposição aos moldes burocráticos e individualizantes já referidos sobre o formato dos eventos conduzidos pelo poder publico - representam o esquema bastante pessoalizado (DAMATTA 1975; PRADO 1997) em que funcionam as coisas na Longa, podendo ser vistos como figuras referenciais no local: no caso, ele atuando mais " para dentro" e ela atuando mais " para fora". É de se notar como o IRMAR, de um lado, utiliza esse caminho da pessoalidade que impera na Longa para encaminhar a condução de seu projeto e a proposta da reunião, ao contatar certas pessoas; e de outro, tenta realizar essa reunião nos moldes impessoais e burocráticos de todas aquelas que são promovidas por agentes externos.

Nesse sentido, cabe ainda destacar que a Associação de Moradores da Longa cuja constituição e existência também ilustram a disputa das lógicas pessoalizante e individualizante na vida recente[28] da Praia da Longa não foi o caminho escolhido pelos proponentes do projeto;

Neste caso, nessa reunião, como em muitas outras, as implicações eram coletivas; sanções legais dos órgãos ambientais, restrições da Prefeitura, assim como grandes empreendimentos imobiliários. O poder de influencia atribuído a (família de) Tenório e a (Família de) Neide provocam mais convergência que divergências na Praia da Longa. O " Programa Sócio-Ambiental da Praia da Longa", segundo é apresentado no *folder* e no *banner*, teria " características de um laboratório experimental (...) Pautado na mentalidade marítima o programa investe para que o cidadão volte novamente, o seu olhar para o mar". Segundo o mesmo documento, o programa traria aos moradores da Praia da Longa "Ações imediatas" e "Ações permanentes" divididas em "projetos prioritários", os quais atuariam na área da "Educação", " Maricultura", "Estaleiro" e " Marinharia"

[28] A associação de moradores funciona dentro de um esquema local que atribui a responsabilidade por eventuais decisões , diretamente ao presidente, que dialoga , não com sua diretoria através de reuniões ordinárias, mas com cada morador; ou age com sua autoridade sem consulta pública aos demais membros da comunidade (referindo-me aos moldes formais previstos no próprio estatuto).

Banner colocado em frente a igreja. (no mastro de São Pedro). Fonte: Debora Herszenhut, 2009

As ações permanentes ficam por conta *da* "Auditoria e Monitoramento geral das metas previstas no Programa da Praia da Longa visando prioritariamente estimular e compreender a ' Mentalidade Marítima' " a ser executado pelo IRMAR.

Na “Proposta de implementação e gestão” o que aparece imediatamente é um mapa da Ilha Grande no qual, se coloca em destaque a área correspondente à “ Fazenda da Longa”. Observe:

Foto do mapa apresentado no *folder* do programa e que pode ser observado na íntegra nos anexos desta dissertação. Fonte: Mario Wiedemann, 2010

O fato que se tornaria polêmico na reunião e presente no *folder* de apresentação do “programa”, mas que a maioria das pessoas não tinha em mãos, era que todas estas iniciativas aconteciam com o consentimento “do proprietário das terras” que não eram os moradores da Longa. O que considero um dos pontos de conflito, refere-se à presença atuante da Boating Club ou Fazenda da Longa, que repetidamente volta ao cenário das tensões em relação à permanência dos moradores do local é a da garantia de “posse da terra”. Traz consigo implicações jurídicas, na medida que a área marcada no mapa apresentado acima destaca, na parte oceânica, a área da Reserva Biológica da Praia do Sul, já mostrada aqui e também parte do motivo anterior de mudanças na vida dos moradores.

O estabelecimento da sede do projeto, uma ação imediata, aconteceria com a ocupação da casa que atualmente é considerada propriedade da "Boating" sendo assim reconhecida e fiscalizada por alguns funcionários da empresa que vivem na Praia da Longa.O IRMAR estava reivindicando a área desta suposta propriedade para a execução de seu promissor projeto apresentando a Longa aos seus investidores em potencial, da seguinte maneira:

> A Praia da Longa localiza-se na Costa Norte da Ilha Grande, 6º distrito do Município de Angra dos Reis, Estado do Rio de Janeiro. Situada numa propriedade de cerca de mil hectares denominada Fazenda da Longa, com uma vegetação constituída pela Mata Atlântica, possui uma cachoeira perene e duas belas praias: A Praia da Longa e a Praia do Sul. A Praia da Longa com aproximadamente 400 metros de extensão apresenta uma situação privilegiada que permite chegar e sair sob quaisquer condição de tempo. A Praia do Sul, na costa sul da Ilha Grande, situa-se de frente para o mar aberto. Os moradores da Comunidade da Praia da Longa vivem, de forma precária, basicamente da pesca e da Maricultura. O modo de vida dos nativos, denominado "Caiçara", referenda uma economia voltada para a subsistência, com base nos recursos marinhos. O quadro ambiental da praia da Longa e a grande diversidade biológica que existe em seu ecossistema evidenciam a necessidade e o dever de preservar vida natural e investir no desenvolvimento cultural e econômico desta comunidade. (texto do *folder*)

Quando desembarcamos (eu e Debora Herszenhut) na Praia da Longa, na véspera da reunião, Tenório já estava na ponte, nos esperando para confirmar se estávamos com os equipamentos para filmar. Ele sabia, como nos, que o "o circo estava armado". Naquela mesma sexta à noite, fomos encontrar com Selma e Tenório para conversar e quando chegamos na casa deles encontramos parte da equipe do projeto do IRMAR conversando sobre o que talvez fosse o maior passo para a conquista do sonhado " sim"[29] da comunidade. Selma e Tenório estavam tensos e aquela tensão no ambiente me deixou igualmente nervoso. Ouvindo-os falar, observando a maneira como conduziam a conversa, observando a falta de informação sobre a comunidade, pude avaliar a falta de conteúdo e veracidade de suas propostas caíram em enganos e deixaram a todos, principalmente Tenório e Selma, em estado de alerta.

[29] Veremos mais adiante que repetidamente, um dos diretores, no contexto da reunião falava as pessoas – " Nos só precisamos de um sim".

O *Rock Progressivo* começou no dia seguinte, com o inicio da apresentação dos projetos e subprojetos. Seguindo um esquema pronto, Cristiano Pontes, estabeleceu que primeiro seriam apresentados os projetos, depois haveria uma pausa para o "lanche" que eles iriam fornecer, para depois serem realizadas discussões em GT's por temas já estabelecidos pelo IRMAR. Ele inicia sua fala lembrando uma reunião que ocorrera em outra ocasião, quando, ao final, as pessoas que estavam presentes fizeram uma roda e deram as mãos e o pastor Alexandre fez uma oração. Para ele este momento ficara marcado e por isso a Praia da Longa teria sido escolhida para implantar o projeto. O que ele considerou o inicio de tudo, havia ocorrido dois anos antes a propósito das reuniões do Plano Diretor.

Apresentação do Sanitarista da equipe do IRMAR, com detalhe da câmera. Fonte: Debora Herszenhut, 2009

O coreto estava cheio de gente e estava presente parte significativa dos moradores. A feição das pessoas era tensa e estava difícil entender o que falava o apresentador, havia pessoas interessadas em ouvir a apresentação, assim como havia pessoas indicando desconfiança em seus comentários

sussurrados e em suas atitudes de se colocar marginalmente no coreto. Logo no inicio, enquanto Cristiano apresenta a pauta da reunião ,Tiãozinho, expõe seu pensamento: "Tem malandro aí querendo roubar a Longa". Nascido e criado na Longa, Tiãozinho, vivenciou, ao longo de sua vida, algumas situações similares e também processos já referidos neste trabalho. Ele sentia , neste momento, uma extrema falta de confiança com aquela apresentação confusa. Para ele, o que estava em jogo mais uma vez era a garantia de permanência neste local, nas suas casas.

João Luís, morador de Angra dos Reis e membro da SAPÊ[30] é personagem conhecido na Ilha Grande e assim como participava ativamente das reuniões " do Aventureiro"[31] junto com os moradores, estava presente nesta reunião na Praia da Longa. No inicio da reunião, João Luis, falando em articulação com a visão de alguns moradores, interpela Cristiano Pontes sobre a necessidade de incluir nos temas de discussão dos GT'S a questão do turismo, por se tratar de uma atividade comercial ascendente e imprescindível para a vida dos ilhéus. João Luís se colocou à disposição, como Ângela, filha de Selma e Tenório, para fazer uma explanação sobre o tema a todos naquela reunião. Ele observa que o turismo é uma "prática essencial para a permanência na Ilha Grande" e não estava incluída nos 5 pontos estabelecidos pelo IRMAR . Prontamente, Cristiano Pontes diz que há na sua equipe uma pessoa responsável por uma proposta para o turismo que ele tinha "guardado na gaveta". Essa pessoa, que era Roberto Mourão não se apresenta como tal, mas é responsável técnico da ECO Brasil,

30 - Trata-se da Sociedade Angrense de Proteção Ecológica, ONG que atua em Angra dos Reis desde a década de 70.

31 - A praia do Aventureiro é conhecida também por ser uma praia que abriga uma população que, a propósito das leis ambientais que proíbem oficialmente a existência de populações humanas em seu interior, permaneceu no local e hoje é gestora do turismo que para lá deslocou o seu eixo de interesse. Mas recentemente, os moradores desta comunidade associados a movimentos sociais, apresentaram a proposta de criação de uma RDS (Reserva de desenvolvimento Sustentável) a propósito das restrições impostas pela Reserva Biológica da Praia do Sul.

empresa responsável por Ações e Projetos Complementares relacionados ao turismo no projeto do IRMAR, como: "Curso MPE para monitores para o pólo de ecoturismo da Ilha Grande" e "Pousada- Escola" e como projetos complementares e outras 4 ações complementares de um, não citado, plano de manejo e gestão de RPPN.[32]

Depois de 40 minutos de apresentações, o presidente da associação de moradores, Fernando, pede a palavra para apresentar sua proposta. Com palavras simples e diretas, Fernando diz: "Minha Proposta é a seguinte, Acho que primeiro...depois dessa reunião aqui, a comunidade tem que se juntar para a gente discutir qual a nossa proposta" e perguntou a Cristiano diretamente " Esse projeto já tá sendo implantado aqui na Longa a partir desse momento?". Essas palavras mobilizaram os moradores que o ovacionaram no final. Fernando, mesmo sendo interrompido por Cristiano, que insiste na proposta de discussão em grupos temáticos, é apoiado pelos moradores, que exigem que ele tenha o direito de falar nesse momento, e continua. Fernando toca no assunto que provoca mais apreensão entre os moradores da Longa: a questão da " posse " das terras. Dirigindo suas palavras a Cristiano diz que a Longa quer educação, a Longa quer saneamento, a Longa quer tudo, mas " o que tá por traz disso aí? A Longa já sofreu muito com esse problema ai. Tem camarada que vem pra cá dizendo que é dono da Longa, que a Longa é uma fazenda, que a Longa pertenceu ao dono daquela escola ali..."

"Esse assunto não cabe nessa reunião, pois não estamos discutindo questões fundiárias", responde Cristiano. "A gente não vai perder tempo com esse tipo de discussão. Nossa proposta é essencialmente educacional. Não precisa ter esse receio, nos somos do bem. " Nós não sabemos de nada do que diz respeito a propriedade ou assuntos fundiários"[33]. Ora, se os assuntos locais levantados pelos moradores não interessam ao projeto , a proposta era ouvida ainda sob mais desconfiança.

[32] Estas informações podem ser vistas detalhadamente no folder em anexo nesta dissertação, mas RPPN's(Reserva particular do Patrimônio Natural) sao Unidades de Conservação que se caracterizam pelo caráter de uso direto e privado de seus recursos. Qual seria o interesse em se realizar um estudo de viabilidade técnica em um unidade de conservação desta natureza , visto que trata-se de uma " propriedade" ocupada por centenas de famílias?

[33] Essa declaração não procede. Alem do *folder* reivindicar a área de " mar a Mar", o *banner* colocado na praia e apresentado anteriormente coloca como " Ação imediata" a instalação de uma sede, cuja casa, já esta sugerida no *folder* e pode ser observado no anexo. A Casa do projeto é a casa que fica na costeira e supostamente pertence a " Fazenda da Longa" ou "Boating" do Brasil ou "Globo" (Ver Prado, 2008)

Pastor Alexandre observa a apresentação do *power point* . Fonte: Debora Herszenhut, 2009

Entra em cena então, Guruga, responsável do IRMAR pelo projeto de Canoagem, para esclarecer os questionamentos sobre as terras e sobre a existência de um levantamento topográfico apresentado no folder do projeto. E ele começa dizendo que "A coisa mais almejada pelo instituto era essa reunião aqui. O Instituto não vai para a frente, se vocês não abraçarem nosso projeto" e continua dizendo que aquele não era ao único lugar com aquele "tipo de carência" e que aquele era um local escolhido por eles para a apresentação de propostas para "potencializar a superação dos problemas locais" para , "com o sucesso desse projeto" , aplicá-lo em outros locais. "É muita coisa maravilhosa junta, ofertada". Foi dessa maneira que Guruga resumiu o que ele definiu como "clima de suspeita" com as várias propostas que passaram à pauta das conversas. A Reunião ganha várias vozes. João Luis novamente expõe que " a Praia da Longa foi e continua sendo ameaçada". Mais uma vez, Guruga intervém para dizer " Eu prometo a vocês que o Instituto Rumo ao Mar, ta gravando por favor, pode gravar,o Instituto Rumo ao Mar, em momento nenhum vai entrar no mérito na questão da posse da terra, não é o nosso mérito. A nossa proposta é uma proposta educacional, é uma proposta de melhorar os horizontes de vocês."

Marília, na época moradora da Longa, com a "pulga atrás da orelha", questiona o fato mascarado no discurso e nítido no *folder* : a "Fazenda da Longa". Alguém do IRMAR que não foi apresentado e não se apresentou explicou que devido a esse " erro" de impressão a "apostila" não foi distribuída, mas, orientação mais radical deu Cristiano, ao afirmar que poderia

ser rasgada aquela página da “apostila”, para amenizar naquele momento de tensão e embate direto com os moradores.. Selma “engrossa o caldo” nesse momento. “Nesse livrinho, vem falando Fazenda da Longa, mas não é mais Fazenda da Longa”. Ela estava intrigada com aquilo e Guruga mais uma vez tentava desqualificar, dizendo que “ o folder, não tem o objetivo que vocês estão olhando aí.”

Chegada da Equipe do IRMAR na Praia da Longa(fonte: Debora Herszenhut, 2009)

“Desculpa, você mora aqui na Longa?” Foi dessa maneira que Guruga assumiu o embate com a comunidade e com Débora, que questionava as dúvidas que surgiram e não eram esclarecidas. “Eu sou pesquisadora” respondeu Debora, em meio as falas de apoio de algumas pessoas. Mais uma vez Guruga tenta desqualificar as dúvidas e os questionamentos de Débora. “Eu queria saber o seguinte pessoal; Olha, eu entendo perfeitamente as dúvidas de vocês, mas eu quero ouvir perguntas dos moradores da Longa” e nesse momento Cristiano Pontes entra e fala:“ Eu quero ouvir a voz da comunidade, você é da UERJ.”

Compare-se a exigência do grupo do IRMAR de dialogar apenas " com os moradores da Longa" com a situação de sua própria chegada, evidentemente *de fora*, como os demais elementos aqui referidos da condução dessa reunião.

Rebatido mais uma vez por muitas vozes que diziam que Débora estaria questionando em nome dos moradores, Cristiano vem em direção da Débora e fala: "Não precisa ficar contra a gente não, você é nossa". Nesse momento, aparece Tiãozinho, e pergunta ao representante da prefeitura e ex-sub-prefeito da Ilha Grande: "Tu conhece a história da Longa? Tu conhece a história da Longa? O senhor é o sub-prefeito, mas você acha que conhece a Longa? Não conhece nada! Não conhece nada! Da Longa tu não conhece nada! Conheço eu, que tenho 52 anos e moro aqui!" Falou, deu as costas e saiu andando acenando negativamente para o sub-prefeito que dizia "Então você chega com seu conhecimento e vem somar com a gente ou então você não vai servir para nada". Essa fala, na minha visão, resume os objetivos do IRMAR e a visão que estes indivíduos tem sobre os " outros", os moradores da Praia da Longa.

Pouco tempo depois, em conversas mais privada com as senhoras, Celinéia, responsável pelo programa educacional, responde a algumas perguntas, junto com Guruga e novamente Tiãozinho se aproxima : "Será que esse é um trabalho verdadeiro, ou mentiroso? É! Tem o trabalho bonito e o trabalho mentiroso" Tiãozinho chega mais perto apontando o dedo para Celinéia e fala: "Trabalho mentiroso é o de você para cá" ,fazendo o movimento com o braço separando-a ela e os profissionais do IRMAR dos pessoas da Longa. Sem o menor respeito por aqueles que pretende cativar, Celinéia manda que Tiãozinho cale a boca. "Cala a boca, não! Cala a boca, não! Eu sou morador da Ilha Grande, da Longa."

Movimentação dos moradores no “coreto” (fonte: Debora Herszenhut, 2009)

Os últimos momentos da reunião e também da filmagem foram marcados por varias vozes ecoando em debate com o IRMAR. O filme acaba exatamente no final de tudo , com o desmonte do projetor, dos cartazes, das equipes e a saída do barco com toda a equipe do IRMAR e a lancha da Capitania dos Portos que os apoiava. Como pôde ser percebido anteriormente, o embate, o conflito que se deu no coreto, mobilizava opiniões e questões locais diretamente. Tendo acompanhado esse turbilhão de acontecimentos que foi a reunião, com a análise do material apresentado em anexo e principalmente, com a análise minuciosa do vídeo, observando cada fala, cada gesto, confirmo a constatação da desconfiança e do mal preparo da equipe do IRMAR, o desconhecimento da cultura local, desrespeito e principalmente a diferença de perspectiva em relação aos objetivos e ambições, deixando claro o caráter impositivo e direcionado das intenções do IRMAR.

O distanciamento criado pelo próprio IRMAR, ao procurar esse caminho para se aproximar da população da Praia da Longa, teve como conseqüência o descrédito de parcela considerável dos moradores.

O registro da reunião foi meu escudo contra as ameaças que nós da equipe sofremos diretamente. O vídeo é uma espécie de marco -testemunho de uma fraude que parecia ter cativado alguns moradores, mas não convenceu a nós da equipe de pesquisa e também não convenceu a maioria dos moradores e presentes na reunião, que juntos se manifestaram. As propostas do IRMAR , pude observar, contemplam e reivindicam um espaço já ocupado pelos moradores. As casas e o direito de viver ali, o mar, tão reverenciado pelas propostas do IRMAR já é espaço de lazer e sobretudo de trabalho estratégico para a sobrevivência. As atividades desenvolvidas pela " família Estaleiro", já estabelecidas, representam fonte de recursos, trabalho e conhecimento, bem com tem sua importância social reconhecida por essa e outras esferas de vida da Ilha Grande. Os moradores da Longa têm suas demandas próprias. Como lembra Fernando, interessa aos moradores que a Longa tenha esgoto sanitário nas casas, caixa d'água, educação, bem como a oportunidade de gerar renda, mas não ficou claro por que o IRMAR daria conta disso tudo, querendo ocupar espaços já utilizados e reivindicados pela comunidade.

Mais uma vez, o que ficou mais evidente na reunião foi a imposição de uma lógica cultural (global) e de um modo de se relacionar com o ambiente, sobre a lógica local , especifica, de relação com o mesmo ambiente, de significação do mesmo ambiente, desconsiderando o conhecimento e práticas locais já existentes. Esse conhecimento sobre o ambiente e essas práticas locais cotidianas, apesar de estarem amplo diálogo com contextos mais gerais (globais), remetem a todo tempo ao que trato aqui como um *modo de ser* da Longa. Por fim, os objetos de discussão e interesse dos moradores não faziam parte da pauta do projeto pronto do IRMAR, arrendando projetos que já haviam existido ou ocupando o espaço deixado pelo poder público. Insere-se ai um debateem cujo mérito não entrarei.

Estamos diante de relações entre diferentes setores da sociedade civil, poder público e iniciativa privada. Considero que as iniciativas do IRMAR ambicionam arrendar projetos antigos da prefeitura, ou mesmo estudos da UERJ, e tudo isso, para finalmente repassar verbas previstas dentro de políticas de isenção fiscal conhecidas.

O “sim”, ambicionado por Cristiano e funcionários do projeto não foi alcançado. Na reunião e ocorrida um mês depois ali mesmo no coreto para discutir os assuntos do IRMAR, a nossa equipe de pesquisa, bem como os representantes do IRMAR e da prefeitura que estavam presentes, foram gentilmente convidados a se retirar, alegando os moradores que gostariam de conduzir sozinhos a reunião e as decisões a serem tomadas.

Depois disso, não houve mais nenhum outro tipo de reunião ou contato a propósito de qualquer iniciativa do IRMAR. Entendo que esse desfecho bem como todas as ocorrências e manifestações ao longo dessa reunião, em que boa parte dos moradores se colocou defensivamente e/ou contrariamente aos proponentes do tal projeto, demonstram, mais do que autonomia por parte da população local, a rejeição de uma lógica *de fora*. No caso, foram trazidas à tona preocupações dos moradores com questões de seu interesse e que o grupo do IRMAR não havia colocado. Em especial, questões que, no contexto da reunião, foram relacionadas com a história fundiária do lugar, uma história que envolve a empresa Boating Club do Brasil, hoje Globo, que inclui expropriações e provoca no mínimo uma desconfiança diante de propostas de “desenvolvimento” que possam estar vinculadas à ocupação do solo ali. Chama a atenção o quanto os apresentadores do projeto tentaram se evadir de tratar dessas questões (“Nossa proposta é essencialmente educacional”. “Nós não sabemos de nada do que diz respeito a propriedade ou assuntos fundiários”) e o quanto elas foram trazidas pelos moradores, como um ponto central de seus interesses, querendo saber “o que tá por trás disso aí”.

Assim, no caso das reuniões “de projetos”, aqui ilustradas por essa “reunião do projeto do IRMAR”, é possível ver como o “ser da Longa” se manifesta por desconfiança e/ou oposição ao que vem de fora – tanto em termos de conteúdo quanto em termos de formato – e que é percebido como distante dos interesses e do modo local de conduzir as coisas.

Nesse caso, ser da Longa é colocado e acionado em defesa da própria Longa, enquanto *o lugar* – em muitos sentidos, de moradia, de pertencimento e fonte de uma identidade – de quem assim se expressa, como Tiãozinho ao responder àquela que o mandou calar a boca: "Cala a boca não! Eu sou morador da Ilha Grande, da Longa."

CONSIDERACÕES FINAIS

Uma polêmica existe, tanto nas discussões políticas em torno de uso do solo em áreas protegidas quanto nos estudos acadêmicos, sobre o significado de "população tradicional" e, na mesma linha, sobre o significado de "população caiçara" (DIEGUES 1998; ADAMS 2000). Coloquei de início como em diferentes localidades da Ilha Grande ambas as concepções devem ser consideradas conforme o contexto e a perspectiva da população local. No caso da Praia do Aventureiro, por exemplo, como mostrou Catão (2004), só recentemente os moradores – que sempre se referiram a si mesmos como "povo do Aventureiro" – começaram a acionar a auto-designação de caiçara/tradicional, que, por razões políticas, os favorece quanto a sua situação insólita como habitantes de uma Reserva Biológica e à possibilidade de recategorização dessa unidade de conservação para mantê-los ali.

Entre as visões que alimentam essa polêmica, há uma tendência de tentar "enquadrar" em critérios específicos as populações das quais se espera ou exige que sejam caiçaras/tradicionais. E aqui, para arrematar este trabalho, remeto a Ingold e Kurtilla (2000), que chamam a atenção para o prejuízo que pode advir para a própria população em questão, no que se refere a direitos, quando se tenta "mensurar a sua tradicionalidade" segundo determinados critérios. Os autores sugerem que o "conhecimento tradicional local" seja entendido como *vivido* – vivenciado e referido às práticas exercidas no local – e não como um script. Acreditando que o mesmo raciocínio deva ser aplicado às idéias de identidade e de cultura, espero ter mostrado nesta dissertação aspectos importantes da vivência e manifestação da identidade dos moradores da Praia da Longa, que é expressa e sintetizada como "ser da Longa".

Uma identidade que – sendo ou não atribuída, ou adotada contextualmente, como relacionada a uma condição tradicional/caiçara – é assumida pelo "pessoal da Longa" (como se poderia ver também no caso do "povo do Aventureiro"), com base numa relação – sempre recriada e sujeita a diversos processos de mudança – com tudo aquilo que permite declarar que se é "da Longa". Foi o que busquei demonstrar aqui, focalizando, de um lado, a sua referência positiva ao sertão e à Festa de São Pedro e, de outro lado, a sua afirmação por oposição à forma e ao conteúdo de uma reunião "de projeto".

BIBLIOGRAFIA

ADAMS, C. -2000- As populações caiçaras e o mito do bom selvagem: a necessidade de uma nova abordagem interdisciplinar. *Antropolítica* vol. 43, no. 1

BALÉE, W.- 2008- Sobre a indigeneidade das paisagens- Revista de Arqueologia- 21 nº2: 09-23.

BRANDÃO, C.R. -1982. *O que é folclore?*. Coleção Primeiros Passos. Editora Brasiliense- Sao Paulo- SP

BUYS, R. – 2009. *Contos da Ilha Grande.* Coleção Ilha Grande nº 4, EDUERJ/RJ

CASTRO, E.V.- 2002- O Nativo Relativo-Mana(Revista do Museu Nacional)- Estudos de Antropologia Social- Vol. 8, no. 1

CATÃO, H. - 2004 - Redefinindo territórios: preservação e transformação no Aventureiro - Ilha Grande-RJ. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro: CPDA/UFRRJ.

CATÃO, H. e PRADO R.M. - 2010 - Fronteiras do manejo: embate entre concepções num universo de unidade de conservação. *Ambiente e Sociedade* v. XIII n. 1. Campinas.

COSTA, G. V. L.

2004 - A população do Aventureiro e a Reserva Biológica Estadual da Praia do Sul: Conflitos e disputas sob a tutela ambiental. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro: PPGAS/ Museu Nacional/ UFRJ.

2008 - O Aventureiro, Ilha Grande-RJ: uma análise de mudança social. Rio de Janeiro: PPGAS/ Museu Nacional/ UFRJ.

DIEGUES, A.C. –1998- Comunidades tradicionais e biodiversidade. São Paulo: MMA/NUPAUB

GEERTZ, C. - 1998 - 'Do ponto de vista dos nativos': a natureza do conhecimento antropológico. In ____. *O saber local*. Petrópolis: Vozes.

GOMES, M.M. - 2006 - A natureza sob vigilância: etnoecologia e *ethos* penitenciário na Ilha Grande. In PRADO, R. M. (org.). *Ilha Grande: do sambaqui ao turismo*. Rio de Janeiro: EdUERJ/Garamond.

HERSZENHUT, D. F.- 2010 - A Mágica da Imagem: Reflexões sobre o registro visul na pesquisa Antropológica. Monografia de graduação em Ciências Sociais. Rio de Janeiro: UERJ.

INGOLD, T. – 2006 - Sobre a distinção entre evolução e história. *Antropolítica* no.20: pp 17-36. Tradução: Gláucia Silva.

INGOLD, T. & KURTILLA, T. – 2000 – Perceiving the Environment in Finisg Lapland. Revista Body and Society- Vol. 6 (183 a 196)
-London-Uk

LUCHIARI, M. T. D. P. - 1999 - Turismo e cultura caiçara no litoral norte paulista. In RODRIGUES, Adyr Balasteri (org.) *Turismo. Modernidade. Globalização*. São Paulo: Hucitec.

MACIEL, A. e CARDOSO, N. - 2003 - Cura, sabor e magia nos quintais da Ilha Grande. Rio de Janeiro: EdUERJ.

OLIVEIRA, R.R- 2002- Ação antrópica e resultantes sobre a estrutura e composição da Mata Atlântica na Ilha Grande, RJ. Revista Rodriguesia n. 53- pag. 33 a 58- Jardim Botânico-RJ

PRADO, R. M.

- 2009a -Implicações do turismo na Ilha Grande- Projeto de pesquisa para o Prociência. Rio de Janeiro: UERJ

-2009b - De praias que viram morros: deslocamento de população na Ilha Grande. In CARNEIRO, Sandra de Sá e SANT'ANNA, Maria Josefina G, (orgs.). *A cidade: olhares e trajetórias*. Rio de Janeiro: Garamond

- 2006 - Depois que entrou o 'Imbamba': percepção de questões ambientais na Ilha Grande. In PRADO, R. M. (org.). *Ilha Grande: do sambaqui ao turismo*. Rio de Janeiro: EdUERJ/Garamond.

- 2003 - As espécies exóticas somos nós: Reflexão a propósito do ecoturismo na Ilha Grande. Horizontes Antropológicos – Antropologia e Turismo, nº 20 ano 9, Porto Alegre: UFRGS.

PRADO, R.M. - 1997 - Cidade pequena: paraíso e inferno da pessoalidade. *Cadernos de Antropologia e Imagem n. 4*. Rio de janeiro: NAI/PPCIS-UERJ.

SAHLINS. M.- 1990 - Ilhas de história. Rio de Janeiro. Jorge Zahar

STEIL, C. - 2004 - Antropologia do turismo: comunidade e desterritorialização. Recife: 22ª RBA, mimeo.

TENÓRIO, M. Cristina - 2006 - Povoamento pré-histórico da Ilha Grande. In PRADO, R. M. (org.) *Ilha Grande: do sambaqui ao turismo*. Rio de Janeiro: EdUERJ/Garamond.

WIEDEMANN, M. - 2008 - O uso dos recursos do ambiente e as representações do "sertão" na Praia da Longa. Monografia de graduação em Ciências Sociais. Rio de Janeiro: UERJ.

ZANATTA, R. M.- 2006 - A morte dos guapuruvus: uma reflexão sobre identidade local e turismo na Ilha Grande. Monografia de graduação em Ciências Sociais. Rio de Janeiro:UERJ.

ANEXO I

ANEXO II

Implementação e Gestão

Instituto Rumo ao Mar - IRMAR

Presidente
Comandante Carlos Borba

Vice-Presidente
Cristiano da Rocha Miranda Pontes

Diretor Administrativo
José Augusto Luderitz Barcellos

Diretor de Ciência e Tecnologia
Paulo Cesar Hargreaves Costa

Diretor Financeiro
Roberto Soares da Rocha

Presidente da Assembléia Geral do IRMAR
Almirante de Esquadra Mauro Cesar Rodrigues Pereira

Apoio

Marinha do Brasil
Colégio Naval
Capitania dos Portos - RJ
Fundação de Estudos do Mar - FEMAR
Fundação Roberto Marinho - FRM

Consultoria Técnica

Instituto EcoBrasil
Escritório Técnico H. Lisboa da Cunha

JR-MAR

A Riqueza do Brasil Depende do Mar

O **Instituto Rumo ao Mar – IRMAR**, associação pessoa jurídica de direito privado sem fins lucrativos, tem como missão social resgatar e fomentar a conscientização do uso das águas fluviais e jurisdicionais marítimas brasileiras, da chamada "Amazônia Azul", para o desenvolvimento sustentável do país através de ações e projetos sociais, educacionais, culturais e de preservação ambiental.

A origem do Instituto Rumo ao Mar remonta ao "Projeto Rumo ao Mar" que objetivava entre outras metas, "despertar o interesse pelas coisas do mar na juventude", juntando esforços com a Marinha do Brasil, a CIRM/SECIRM no "Programa Mentalidade Marítima" e os Escoteiros do Mar. Decorridos alguns anos, o projeto entrou em hibernação, devido a alterações governamentais e destinações de recursos. As necessidades educacionais continuam prementes, bem como a urgente compreensão da importância das águas para a manutenção da vida e da biodiversidade no nosso planeta.

Assim, no dia 3 de junho de 2008, no Museu Naval da Marinha foi lançada a pedra fundamental do **IRMAR**. A solenidade de instalação da Assembléia de Constituição do Instituto Rumo ao Mar foi coordenada pelo Comandante do 1º Distrito Naval, Vice Almirante Gilberto Max Roffé Hirschfeld, presidida pelo Almirante de Esquadra Mauro Cesar Rodrigues Pereira e o Coordenador Nacional dos Escoteiros do Mar, Comandante Carlos Borba, eleito para a Presidência do Instituto Rumo ao Mar. Na ocasião estiveram presentes várias autoridades da Marinha do Brasil e inúmeros representantes de importantes segmentos voltados para a preservação do meio ambiente, muitos dos quais se tornaram sócios fundadores (81 assinaturas) e algumas lideranças assumiram cargos administrativos do Instituto Rumo ao Mar.

Baseado no Plano Nacional de Gerenciamento Costeiro, o **IRMAR** tem como referência em suas atividades e projetos o "Programa Mentalidade Marítima" elaborado pela Marinha do Brasil.

Despertar na Juventude o Interesse pelas Coisas do Mar

O **IRMAR** acredita primordialmente na necessidade de investir esforços na educação e formação dos jovens para conquistar as transformações sociais necessárias e o bom uso dos recursos naturais em especial os provenientes das águas insulares e marítimas, de que dispomos como nação.

Como finalidade institucional o **IRMAR** desenvolverá ações de apoio à sustentabilidade econômica, social e cultural das colônias de pescadores e das populações costeiras, implementando projetos e atividades com propostas alternativas de geração de emprego e renda.

"EDUCAI AS CRIANÇAS E NÃO SERÁ PRECISO PUNIR OS ADULTOS".
Pitágoras (séc. VI a.C.)

Valores que Norteiam uma
Trajetória de Aprendizado

A Solidariedade

O mar é uma imensidão que cobre mais de 70% da superfície do nosso planeta. O oceano é o regente do clima e o regulador térmico da terra.

A maior parte da população mundial vive em Zonas Costeiras e há uma tendência permanente para o aumento da concentração demográfica nessas regiões.

Com o aumento da população mundial, as reservas tradicionais de recursos terrestres tendem a esgotar-se. O mar é o reservatório final das substâncias dissolvidas e como a terra gradualmente vai-se exaurindo delas, mais premente é nossa necessidade de aprender a explorar este reservatório. As plantas aquáticas são muito mais eficientes na utilização da radiação solar do que as plantas terrestres.

O mar é um grande mestre e ensina as proporções.

O homem do mar percebe a sua fragilidade frente à grandiosa força da natureza.

Surge a primeira "lei do mar" com a noção fundamental da "solidariedade", a ajuda mútua e o dar as mãos.

Desta postura cresce "uma força" que não pode existir na competição.

"Transversalidade"

Coube à Marinha do Brasil cuidar desta imensidão de singular complexidade.

Frente a este enorme desafio, a Marinha do Brasil torna-se pioneira na prática da transversalidade.

Cria há 34 anos a Comissão Interministerial para os Recursos do Mar – CIRM, com mais de 15 ministérios e instituições, responsáveis por vários programas e ações relacionados ao uso racional das águas brasileiras.

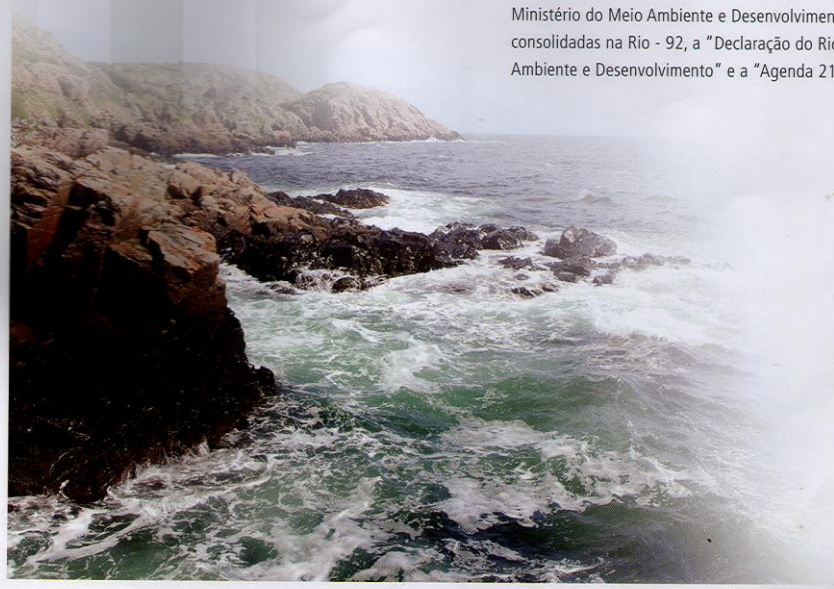
O Plano Nacional de Gerenciamento Costeiro

Desenvolve o Plano Nacional de Gerenciamento Costeiro – PNGC, a primeira lei no Brasil, com conceitos solidários para as questões ambientais.

Ensina "como fazer" rompendo o círculo vicioso de "proibir, fiscalizar e punir" para o "dar as mãos, aprender, realizar e evoluir".

O PNGC é regulamentado por resolução da CIRM e aprovado pelo Conselho Nacional do Meio Ambiente – CONAMA.

Atualizado segundo os mecanismos originais do PNGC, pelo Grupo de Coordenação do Gerenciamento Costeiro - COGERCO resulta no PNGC II, na gestão do Ministro da Marinha Mauro Cesar Rodrigues Pereira, contemplando a experiência do Ministério do Meio Ambiente e Desenvolvimento, as demandas consolidadas na Rio - 92, a "Declaração do Rio sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento" e a "Agenda 21".



A Mentalidade Marítima

Cria o Programa de Mentalidade Marítima - PROMAR com o objetivo de:

- Resgatar a convicção ou crença individual e coletiva da importância do mar para o Brasil;
- Compreender que o mar é fator primordial de progresso e desenvolvimento;
- Desenvolver hábitos, atitudes, comportamentos e vontade de agir, para utilizar de forma sustentável as potencialidades do mar.

Juntam-se Ideais

Com a Marinha do Brasil, a CIRM e os Escoteiros do Mar, nasce o **IRMAR** como mais um agente divulgador e disseminador da "Mentalidade Marítima" e dos conceitos e valores que norteiam essas instituições.

Somam-se Paixões

À PAIXÃO da Marinha do Brasil pelo MAR evidenciada em inúmeras ações e iniciativas, soma-se a PAIXÃO também natural, intrínseca e evidente das Organizações Globo pela COMUNICAÇÃO.

A União

À força e ao respeito destas instituições junta-se o **IRMAR**, com a união indissolúvel destes parceiros na proposta do Programa de Sustentabilidade Socioambiental da Praia da Longa e no amor pelo Brasil.

Programa de
Sustentabilidade
Socioambiental da
Praia da Longa

O Programa

O programa pioneiro proposto pelo **IRMAR** e com características de um laboratório experimental é o Programa de Sustentabilidade Socioambiental da Praia da Longa a ser implantado na Ilha Grande, Município de Angra dos Reis.

Ao local privilegiado da propriedade [redacted] acrescenta-se a proximidade de duas importantes Organizações da Marinha, em Angra dos Reis, o Colégio Naval e a Delegacia da Capitania dos Portos do Rio de Janeiro.

Pautado na "Mentalidade Marítima" o Programa investe para que o cidadão "volte novamente, o seu olhar para o mar".

Ações Imediatas

- Estabelecimento da Sede do Programa na Praia da Longa;
- Estudo Socioeconômico da Comunidade da Praia da Longa;
- Levantamento Topográfico, Moradias e Nascentes;
- Saneamento Básico Emergencial da Praia da Longa.

Ações Permanentes

Auditoria e Monitoramento Geral das metas previstas no Programa da Praia da Longa visando prioritariamente estimular e compreender a "Mentalidade Marítima".

Projetos Prioritários

EDUCAÇÃO

- Projeto Ondas: Complementação Escolar Básica, Fundamental e Profissionalizante;
- Telecurso do Ensino Básico, Ensino Fundamental, Profissionalizante e Tecendo o Saber;
- Globo Ecologia, Globo Ciência e Inclusão Digital.

MARICULTURA

- Projeto Jovem Maricultor.

ESTALEIRO

- Oficina/ Escola de Construção e Reparos Navais.

MARINHARIA

- Projeto Escola de Marinharia.

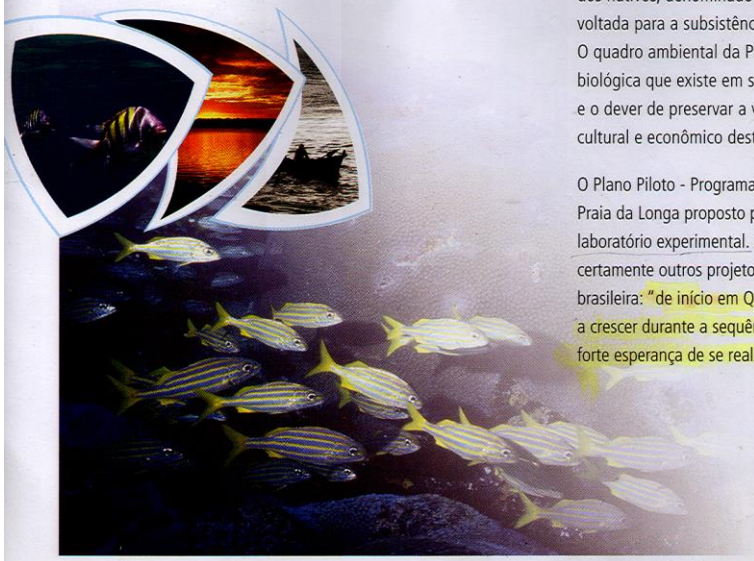
Praia da Longa
Fazenda da Longa
Proposta de
Implementação
e Gestão

A Fazenda da Longa

Entendemos que a Fazenda da Longa é:

"representativa de um ecossistema de alta relevância ambiental, cuja diversidade é marcada pela transição de ambientes terrestres e marinhos e como tal está inserida na Constituição brasileira como área de patrimônio nacional e que a sustentabilidade das atividades humanas nesta área, depende de um meio marinho saudável e vice-versa".

* Programa de Ação Mundial para a proteção do Meio Ambiente Marinho das Atividades Baseadas em Terra - item II.



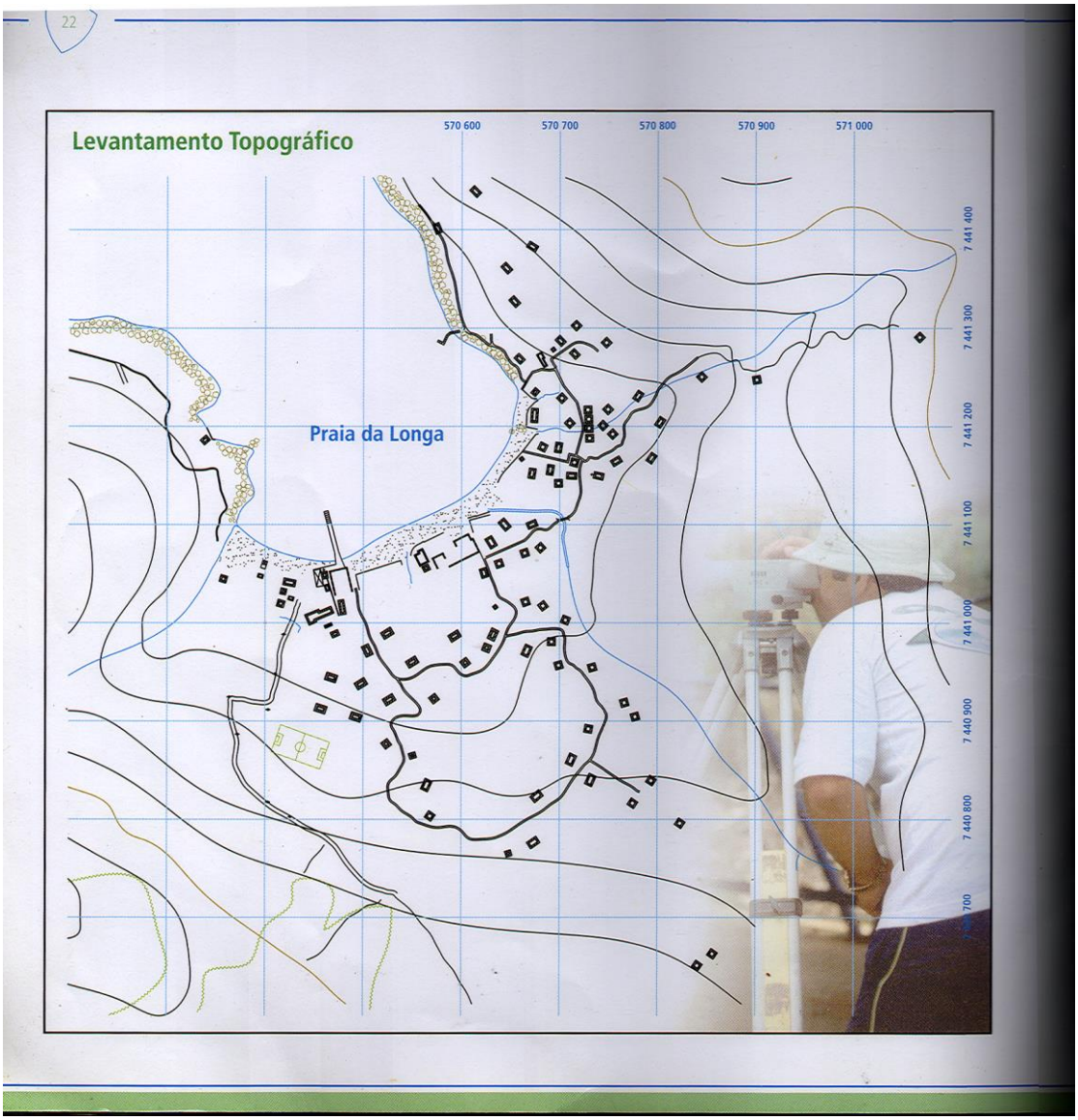
A Praia da Longa localiza-se na Costa Norte da Ilha Grande, 6° Distrito do Município de Angra dos Reis, Estado do Rio de Janeiro.

Situada numa propriedade de cerca de mil hectares denominada Fazenda da Longa, com uma vegetação constituída pela Mata Atlântica, possui uma cachoeira perene e duas belas praias: a Praia da Longa e a Praia do Sul.

A Praia da Longa com aproximadamente 400 metros de extensão apresenta uma situação privilegiada que permite chegar e sair sob quaisquer condições de tempo. A Praia do Sul, na Costa Sul da Ilha Grande, situa-se de frente para o mar aberto.

Os moradores da comunidade da Praia da Longa vivem, de forma precária, basicamente da pesca e da maricultura. O modo de vida dos nativos, denominado "caiçara", referenda uma economia voltada para a subsistência, com base nos recursos marinhos. O quadro ambiental da Praia da Longa e a grande diversidade biológica que existe em seu ecossistema evidenciam a necessidade e o dever de preservar a vida natural e investir no desenvolvimento cultural e econômico desta comunidade.

O Plano Piloto - Programa de Sustentabilidade Socioambiental da Praia da Longa proposto pelo **IRMAR**, tem as características de um laboratório experimental. À medida que surjam resultados favoráveis, certamente outros projetos serão implantados ao longo da costa brasileira: "de início em Quarto Crescente de Lua, mas predestinados a crescer durante a sequência astronômica de várias lunações, na forte esperança de se realizarem em uma futura Lua Cheia".


Levantamento Topográfico
570 600
570 700
570 800
570 900
571 000
7 441 400
7 441 300
7 441 200
7 441 100
7 441 000
7 440 900
7 440 800
7 440 700
Praia da Longa

Fazenda da Longa
570 000
571 000
572 000
573 000
574 000
Morro do Pilão
Fazenda Ubatuba
Baía da Ilha Grande
Ponta da Longa SAF1
Faixa de Marinha
Praia da Longa
Ponta da Cobra
Praia da Cachoeira
Enseada de Araçatiba
Praia Grande
7 440 000
7 439 000
7 438 000
7 437 000
Praia do Sul
Praia do Leste
Enseada da Praia do Sul

Objetivos do Programa

O Programa de Sustentabilidade Socioambiental da Praia da Longa objetiva:

- Estimular por meio de suas ações, o desenvolvimento de uma "Mentalidade Marítima", isto é: "a convicção ou crença, individual ou coletiva, da importância do mar para o Brasil e o desenvolvimento de hábitos e atitudes, comportamentos ou vontade de agir, no sentido de utilizar de forma sustentável, as potencialidades do mar";

- Apoiar o ordenamento da ocupação da Praia da Longa, buscando viabilizar sua preservação socioambiental, o desenvolvimento e a integração da Comunidade da Longa;
- Apoiar a sustentabilidade econômica, social e cultural da Comunidade da Longa, desenvolvendo projetos e atividades com propostas alternativas voltadas para o mar com a geração de trabalho e crescimento de renda;
- Desenvolver programas educacionais de complementação escolar e de conhecimento na área ambiental, cultural, artística, esportiva e de saúde;
- Contribuir para que a comunidade assuma e invista no seu próprio desenvolvimento sustentável;
- Apoiar a recuperação das áreas em processo de degradação ambiental;
- Desenvolver uma gestão integrada dos ambientes terrestres e marinhos, baseada numa melhor informação e tecnologia disponível;
- Ser um centro irradiador de boas práticas sustentáveis em desenvolvimento e turismo, contribuindo para a melhoria da qualidade da região;

• Fornecer subsídios para que o cidadão, pautado na "Mentalidade Marítima" implementada no Programa de Sustentabilidade Socioambiental da Praia da Longa, "volte o seu olhar novamente para o mar".

O Programa é composto de Ações e Projetos Executivos de diferentes especificidades de conteúdo, elaborados de acordo com os princípios de referência que norteiam o **IRMAR** e integram a sua proposta multidisciplinar de transversalidade.

Para isso, a equipe responsável por sua implementação é composta de profissionais de diversas áreas, como advogados, antropólogos, arquitetos, biólogos, engenheiros, sanitaristas, oceanógrafos, professores, técnicos em manutenção de embarcações, geólogos e geógrafos.

Justificativa do Programa

A necessidade de ordenar a ocupação territorial da comunidade Praia da Longa, relativamente isolada e em risco desestruturação social, resgatar a sua sustentabilidade econômica, social e cultural, são fatores preponderantes para a implementação de projetos e atividades com propostas alternativas para a geração de trabalho e renda.

Para evitar a degradação progressiva será proposto um plano diretor, objetivando ordenar a sua ocupação dentro de parâmetros paisagísticos, ambientais e geomorfológicos de preservação dos ecossistemas naturais locais, em harmonia com as regulamentações estabelecidas pela Área de Proteção Ambiental de Tamoios, o Plano Diretor do Município de Angra dos Reis, a Lei do SNUC, o Plano Nacional de Gerenciamento Costeiro II e demais Leis balizadoras das práticas propostas.

Todas as ações desenvolvidas na Praia da Longa estarão em sintonia com a missão social, finalidades e princípios institucionais expressos no Estatuto do **IRMAR**, fazendo-nos perceber os habitantes e a biodiversidade deste espaço geográfico, como de expressiva riqueza cultural e ambiental a ser trabalhada.

- Pretendemos recuperar a integração desta comunidade, inserindo seus habitantes num mundo em constantes mudanças, inspirados nos ideais da liberdade e solidariedade, comprometidos com as transformações da sociedade através de valores vivenciados no diálogo, respeito mútuo, convivência fraterna, trabalho em equipe e ações solidárias.

Na fase inicial de escolha do local, para iniciar suas atividades estatutárias, a Diretoria do **IRMAR** foi assessorada por seu Vice Presidente, Cristiano da Rocha Miranda Pontes, que desde a adolescência teve preferência por atividades ligadas ao mar. Há mais de dez anos, o Vice Presidente do **IRMAR** trabalha na Ilha Grande, quando em 2007 ajudou a fundar a ONG "PARCEIROS DA TERRA" voltada para o desenvolvimento de programas socioambientais. Assim, o seu conhecimento dos problemas gerais existentes na região é grande e valioso, para a implementação do projeto no local escolhido.

A Diretoria considerou também, na decisão pela Ilha Grande, a localização de duas importantes Organizações da Marinha em Angra dos Reis, o Colégio Naval e a Delegacia da Capitania dos Portos do Rio de Janeiro, em Angra. Finalmente, somaram-se a todos estes fatores, o espírito de cooperação do proprietário do terreno, de mar a mar, autorizando o seu uso para o PROGRAMA DE SUSTENTABILIDADE SOCIOAMBIENTAL DA PRAIA DA LONGA.

Metas do Programa

As metas do Programa de Sustentabilidade Socioambiental da Praia da Longa serão alcançadas através do desenvolvimento de um plano diretor completo e focado nas seguintes ações:

- Promover a complementação educacional de crianças e adolescentes, despertando o interesse pelas coisas do mar e fomentar uma consciência marítima, essencial para a nossa soberania;
- Implantar programas educacionais de alfabetização, telecurso 2000, inclusão digital e iniciação profissionalizante de jovens e adultos;
- Melhorar o índice de saúde pública na região;
- Fomentar projetos para geração de trabalho e renda de forma sustentável;
- Preservar, conservar e monitorar as áreas e mananciais de águas do ecossistema da Longa, recuperando e reabilitando áreas degradadas ou descaracterizadas;
- Elevar a qualidade de vida da comunidade e proteger o seu patrimônio natural, histórico, étnico e cultural;
- Produzir e difundir o conhecimento necessário ao desenvolvimento e aprimoramento das ações de Gerenciamento Costeiro Integrado da Praia da Longa;
- Consolidar o processo de Zoneamento Ecológico-Econômico da Praia da Longa, realizando a sua atualização quando necessário;

- Promover ações de integração e fomento científico e tecnológico com instituições de ensino e pesquisa, nacionais e internacionais;

- Motivar os poderes constituídos da administração pública e privada, para a adoção de medidas que desenvolvam as atividades ligadas ao mar;

- Estimular o engajamento dos órgãos de comunicação no processo de divulgação e valorização das atividades marítimas do país;

- Estabelecer procedimentos para a ampla divulgação dos resultados obtidos, mobilizando a comunidade para o engajamento na preservação do mar e otimização de seus recursos, além de permitir que uma maior parcela da população conheça e valorize os componentes do poder marítimo brasileiro.

Portfolio de Ações e Projetos

AÇÕES IMEDIATAS	Execução
1. Estabelecimento da Sede do Programa da Praia da Longa.	IRMAR
2. Estudo Socioeconômico da Comunidade da Praia da Longa.	IRMAR - UERJ
3. Levantamento topográfico, moradias, divisas e nascentes.	IRMAR
4. Saneamento Básico Emergencial da Vila da Praia Longa.	Lisboa da Cunha
AÇÕES PERMANENTES	**Execução**
1. Auditoria e Monitoramento Geral da Mentalidade Marítima do Programa da Praia da Longa	IRMAR
PROJETOS PRIORITÁRIOS	**Execução**
1. EDUCAÇÃO:	
. Projeto Ondas: Complementação Escolar Básica, Fundamental e Profissionalizante.	IRMAR
. Telecurso do Ensino Básico , Ensino Fundamental e Tecendo o Saber.	FRM
. Globo Ecologia, Globo Ciência e Inclusão Digital.	FRM
2. MARICULTURA: Projeto Jovem Maricultor	IRMAR
3. ESTALEIRO: Projeto Escola/Oficina de Construção e Reparos Navais	IRMAR
4. MARINHARIA: Projeto Escola de Marinharia	IRMAR
PROJETOS COMPLEMENTARES	**Execução**
1. Projeto de Recifes Artesanais	IRMAR
2. Projeto de Assistência à Saúde: Ambulatório Médico e Odontológico	IRMAR
3. Sistema de Trilhas (educação ambiental, contemplação, cultural ("farmácia caiçara")	EcoBrasil
4. Curso MPE Básico para Comunitários da Praia da Longa / Região	EcoBrasil
5. Saneamento Básico da Vila da Praia da Longa - Fase II : Construção e Fiscalização	Lisboa da Cunha
6. Monitoramento Ambiental	IRMAR
7. Viveiro Natural da Fauna e Flora Marinha	IRMAR
8. Registro de Imagens e Produção de Vídeos (*Making Off* do Programa)	FRM
9. Curso MPE para Monittores para o Pólo de Ecoturismo da Ilha Grande	EcoBrasil
10. Pousada-Escola	EcoBrasil
AÇÕES COMPLEMENTARES	**Execução**
1. Plano de Manejo e Gestão RPPN - Avaliação Ecológica Rápida	IRMAR - EcoBrasil
2. Plano de Manejo e Gestão RPPN - Elaboração e Processo de Aprovação	IRMAR - EcoBrasil
3. Plano de Manejo e Gestão RPPN - Plano de Uso Público / Educação Ambiental	IRMAR - EcoBrasil
4. Plano de Manejo e Gestão RPPN - Plano de Uso Científico / Pesquisa	IRMAR - EcoBrasil

março 2009

INSTITUTO
Rumo ao Mar

Rua 1º de Março, nº 112
Centro - 20010 000
Rio de Janeiro - RJ
Tel.: 21 2233 9338

www.irmar.org.br

FSC
Fontes Mistas

Este catálogo foi impresso em papel certificado FSC